

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

JOSÉ DA ROCHA CARVALHEIRO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória

Entrevistado – José da Rocha Carneiro (JC)

Entrevistadoras – Tania Maria Fernandes (TF) e Otto Santos (OS)

Data – 10/10/2018

Local – São Paulo/SP

Duração – 2h30min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CARVALHEIRO, José da Rocha. *José da Rocha Carneiro. Entrevista de história oral concedida ao projeto Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória*, 2018. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 52p.

Projeto: História da Saúde Coletiva no Brasil

Entrevistado: José da Rocha Carvalheiro

Data: 10 de outubro de 2018

Local: Instituto de Saúde – São Paulo-SP

Entrevistadores: Tania Maria Fernandes (coordenadora) e Otto Santos (bolsista)

Legendas: trecho inaudível: [?]; pausa: [...]

TF: Hoje estou com o professor José da Rocha Carvalheiro, para o projeto História da Saúde Coletiva no Brasil da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro. Na data: 10 de outubro de 2018, em São Paulo no Centro de Saúde da Secretaria de Estado de Saúde, entrevistado por Tania Fernandes e Otto Azevedo.

Bem, Carvalheiro. A gente vai... a gente já teve uma pequena entrevista sua, o ano passado...

JC:Foi uma só?

TF: Foi só uma. E nós vamos então dar continuidade.

JC: Você me encheu tanto o saco nesses anos que eu pensei que tivesse sido mais. [risos]

TF: Tá gravando, hein, Carvalheiro. Tá gravando, hein... Então eu queria que você falasse um pouquinho... assim, a gente vai trabalhar com a história da sua vida, né, e com a história... nossa, nossa, nosso objeto principal, central do nosso trabalho é a saúde coletiva. Mas, eu quero que você fale um pouquinho da sua vida e como é que você foi chegar nessa história desde a sua graduação em medicina. Como foi o seu caminho, a escolha pela saúde pública, saúde coletiva. Como é que foi essa, esse seu caminho? Vamos trilhar, até chegar lá.

JC:Bom, eu me formei na faculdade de medicina de São Paulo em 1961. Passei no vestibular, fiz duas vezes vestibular em 55 e 56. Fui aprovado nos dois, mas no 55 eu fiquei como quarto excedente e em 56, eu com nota menor que tinha tirado no ano anterior, passei em 64º lugar, eram 80 vagas. Nessa altura do campeonato, eu como estudante secundário já era um militante da Juventude Socialista. Eu tinha um professor de história chamado Jesus e ele era um ótimo professor e ele induziu praticamente vários estudantes, né, para quem dava aula. Era um colégio particular, não era eu não era uma escola pública, Colégio Anglo Latino e ele induzia, ele, ele realmente era um nacionalista e nós estávamos enfrentando, começo da década de 50, Getúlio Vargas presidente. Nós

estamos enfrentando a campanha do petróleo, “O petróleo é nosso”, Lei 2004, que era a lei do monopólio estatal, de onde redundou a criação da Petrobras. Quando esses caras roubaram a minha Petrobras eu fiquei meio... eu fiquei meio arrasado porque no fundo eu me considero um dos... junto com General Leônidas Cardoso, que era pai do Fernando Henrique Cardoso, que depois, sem honrar as tradições do pai, militares, veio a ser Presidente da República. Então eu ia para a Praça da Sé assistir os comícios do, do “O Petróleo é Nosso”... Entusiasmado... E aí nós acabando nos enturmado. Um conjunto de pessoas que eram todos secundaristas, e que acabaram entrando nas faculdades, quase todo mundo entrou na USP, um bom número na Politécnica de Engenharia, como meu irmão, outros na Faculdade de Filosofia. Silvinho, Caio... Enfim. Paul Singer que era trabalhador metalúrgico, ainda não tinha feito curso superior. Eu era... trabalhava no bar do meu pai, fazia caipirinha e café expresso e ele era trabalhador metalúrgico. E nos entusiasmamos com a ideia de nos integrarmos no Partido Socialista Brasileiro, que era ali perto da Praça da Sé, a sede, na Rua Tabatinguera, então compusemos a Juventude Socialista nos anos 50. [...] isso já foi para dizer que quando entrei na faculdade eu já militância, eu já não era, não era [...] neutro. Para minha grande surpresa, eu lia semanalmente o Jornal de Debates, que era o jornal debate que me [?] indicava, que aceitava contribuições, desde de - de qualquer colaborador - desde que fosse para apontar para o caminho para o socialismo. Então eram os grandes intelectuais da área, alguns deles ligados ao Roland Corbisier, enfim. E eu lia semanalmente, quando ele entrou em crise financeira, se transferiu... eu ainda era secundarista, se transferiu para São Paulo e o Rubens Paiva e o Gasparian, o industrial, assumiram o Jornal de Debates, versão Paulista. Como meu irmão era muito amigo do Rubens Paiva eu publico meu primeiro artigo, eu e Volney, que depois virou desembargador, que era da Juventude Socialista, depois estudante direito no Mackenzie, às vezes, trocávamos contribuições que ele chamava de “delitos estéticos”. Eram coisas que a gente escrevia que não tinha nada que ver com política, nem com... Então cometi meu primeiro delito estético publicado e foi publicado no Jornal de Debates versão paulista, chamava-se “Afastem-se que vai cair” - eu tenho uma cópia lá embaixo no meu acervo - “Afastem-se que vai cair”. Eu prenunciava que o capitalismo era como mamoeiro podre que estava prestes a cair, portanto, afastem-se que essa *merda* cai em cima de vocês porque isto não dura muito. Isso foi - eu tinha acho uns 16, 17 anos, estou com 83... [risos]...Até agora, infelizmente...

TF: Não caiu...

JC: A minha...[risos]

TF: Sua premonição não...

JC: Por que que eu estou dizendo isso?! Porque eu tenho um plano com Zé Rubens. Vocês conhecem José Rubens Bonfim? Foi um dos fundadores do CEBES, né.. Ele é editor da Hucitec e... pá. Ele tá me desafiando a tempo e já montei com ele alguma coisa que vai depender da organização do meu acervo. Por isso que eu estou falando. Eu estou pensando, não em escrever um livro de memórias porque eu acho que não tem a menor lógica, é muito pretensioso demais, muito mesmo de depoimentos. O que eu estou pensando em fazer: pegar em cada etapa da minha vida um texto que eu considere como um texto relevante, importante e reproduzi-lo. Nesse caso, o primeiro capítulo será o “Afasta-se que vai cair” onde eu vou contar toda a história da Praça da Sé nos anos 50. Que era um ambiente de formação política de jovens. Nós criamos um centro de debates públicos, era uma espécie de *speaker’s corner* paulistano num banco de cimento em frente ao café Moka, na Praça da Sé, que se reunia todos os sábados a partir das 9 horas da noite. Foi onde eu aprendi a falar em público, evidente, porque ali você não estava no caminhão, num palanque, em nada, você estava assim... E se não gostasse alguém te agarrava pelo pescoço e te tirava. Então... um pouco isto. Portanto quando eu entro na faculdade em 1956, depois de ter feito o vestibular 55, em 56 eu passei e entrei na faculdade. Quando eu escrevi no Jornal de Debates, para minha grande surpresa, no mesmo jornal de debates eu vi um arquivo do meu professor Jesus, que foi uma das pessoas que me induziram a frequentar a Praça da Sé, na campanha da Lei 2004 [?] E ele faz realmente um artigo nacionalista e se assina Jesus... eu não me lembro se Jesus era sobrenome ou nome, não me lembro mais. “Patrianovista”. Eu falei “que diabo é ser patrianovista!?” Fui ver. Eram os monarquistas modernos, Brasil Pátria Nova. E dizer que voltar a monarquia, reconduzir ao poder a família real. Aí eu falei: puta que pariu. [risos] Eu tive uma indução da minha participação da esquerda, da esquerda democrática. O partido socialista era a famosa esquerda democrática da UDN que se separou da UDN e se transformou no partido socialista... João Mangabeira, Cordélia no Rio, [...] juventude socialista. Aí vários de nós entramos na faculdade e continuamos a ter uma militância política. Veio à campanha presidencial, Lott contra Jânio. O partido socialista de São Paulo era todo janista. Eram praticamente quase todos os dirigistes tinha sido secretário Jânio.... Quando o partido aderiu à campanha do Lott, os... a direção de São Paulo foi toda expulsa. Então a juventude do partido socialista assumiu uma sede próxima da Praça da Sé, um lugar central, com local para reuniões, que, que e acabamos tendo... Quando os partidos foram fechados, depois do golpe de 64, eu era membro da direção nacional do

Partido Socialista.

TF: Aí você disse que na faculdade você já tinha essa...[vozes sobrepostas] opção.

JC: Então... Quando eu entrei na faculdade eu já tinha uma militância de pelo menos cinco anos por aí, já tinha... e, portanto, desde logo eu comecei a fazer política. Eu estou dizendo isso tudo para chegar a frase que eu queria dizer “não fui um bom aluno” [risos] Eu não fui um bom aluno. Primeiro porque eu que eu tinha que trabalhar, eu trabalhava no bar do meu pai, antes de entrar para a faculdade. Depois que eu entrei na faculdade, meu irmão entrou um ano antes de mim na faculdade, na Politécnica, meu pai teve vender o bar e nós ficamos numa situação financeira extremamente difícil que perdurou, no meu caso até o final do ano quando eu comecei a dar aula em cursinho. Então comecei a dando aula de química e depois passei o resto do meu curso dando aula de física. Eu fui professor de física, de cursinho. Fui um bom professor! Até hoje de vez em quando encontro médicos que estão riquíssimos, que tem clínicas... “ah! Você foi meu professor de cursinho”... [risos]. Eu era um bom professor! Por quê? Porque eu nunca fiz um curso de física. Eu para aprender física, eu tinha uma dificuldade tão grande quanto qualquer outro estudante que tá fazendo cursinho para cursar Medicina. O que eu tinha de vantagem é que eu explicava de uma maneira muito mais compreensível, do que quem... Então isto me valeu durante o curso várias coisas, primeiro: eu tinha que trabalhar, dava aula e dava aula no cursinho grande que tinha três turmas de manhã, uma turma à tarde e umas turmas à noite então vou dava aula feito um desesperado. Saía correndo, naquele tempo tinha o tal do lotação. Lotação era o que seria um táxi, mas que ocorria uma rota entrando e saindo pessoas, cinco pessoas né? Até quatro pessoas, uma era o motorista. Eram carros grandes, daqueles carrões grandes importados antigos e que corriam um percurso definido num sentido e no outro sentido, e isso me valia para eu poder da aula aqui relativamente perto, aqui na Liberdade e estudar na faculdade medicina. E aí me integro logo, desde o primeiro ano no centro acadêmico e na política estudantil. Passo a participar da, da, da União Estadual dos Estudantes, da UNE. Então eu tive todo uma... Eu não fui um bom aluno, eu levava tanto quanto possível para não perder aula e fazer as coisas... Quando chegou mais próximo da minha formatura eu senti que alguma definição eu tinha que ter. Então uma das coisas, eu nessa altura do campeonato eu já estava muito vinculado aos sindicatos em São Paulo, eu já era secretário sindical da UEE, Associação Estadual dos Estudantes. Frequentava praticamente todos os sindicatos e em particular sindicato dos gráficos e tinha umas discussões com eles a respeito do saturnismo, essas coisas de doença do trabalho. Então

como eu percebi desde logo que tentar fazer cirurgia nem pensar, clínica eu não tinha formação suficiente, fazer residência para mim era impossível porque eu tinha que continuar dando aula que era o que me consumia mais tempo. É... e pensei, num primeiro momento, em conexão com os sindicatos, em fazer um curso de saúde pública para fazer saúde do trabalhador e junto com as centrais sindicais de São Paulo, organizar alguma coisa. Cheguei, depois de formado, imediatamente depois de formado, cheguei a fazer pareceres. Não é parecer, como é que chama isso?

TF: É. Eu sei.

JC: Eu fui na Refinações de Milho Brasil para ver como é que era a insalubridade, da, da...enfim. Eu não tinha nenhuma competência para isso, era recém-formado, não tinha nenhuma especialização. Esse eu tenho, tenho até hoje o relatório que eu fiz. Eu terminava, assim, bombasticamente dizendo que a poluição era tão grande que - a Refinações de Milho Brasileira do lado do Rio Tietê - era tão grande a poluição daqueles, daqueles pós que abafava o cheiro de podridão do Rio Tietê ao lado...[risos]

TF: Competia com...

JC: Competia. Então... comecei... Aí eu fiz, recém-formado começo de 62... Bom, primeiro no meu curso de médico, da faculdade medicina não tinha medicina preventiva. Quer dizer, não só não tinha epidemiologia, não tinha estatística...

TF: Mas tinha a cátedra de higiene?

JC: A cátedra de higiene tinha se transformado na faculdade de saúde pública que tinha migrado, atravessou a rua, e foi fundar... o Instituto de Higiene que era cátedra originalmente da faculdade medicina, migrou para lá se transformou na Faculdade de Saúde Pública. Para dizer, pra dizer que não dizer que não tinha nada, na clínica médica no quinto ano, o professor [Celestino] Bourroul, e o outro professor... Bourroul e... davam umas aulinhas de antropologia médica e que chamava aquilo de um esboço de medicina preventiva que não tinha nota separada valia para nota de clínica médica, não tinha epidemiologia, não tinha estatística. Na dependência de não ter nenhuma dessas coisas, houve algumas, algumas tentativas, né, de suprir a deficiência da faculdade de medicina, uma delas foi conquistar alguém que pudesse nos dar aula de estatística. Então nós tivemos um professor simplesmente fabuloso, né, que foi o Vanzolini. Vanzolini, do “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”, o compositor, Paulo Emílio Vanzolini que...

TF: Era estatístico?

JC: Ele era médico, mas desde logo... ele só fez medicina - ele contava para a gente - ele só fez medicina porque o [André] Dreyfus, que foi quem trouxe a genética para São Paulo e para o Brasil, é... aconselhou o pai dele que mesmo que ele quisesse fazer história natural... porque ele acabou sendo herpetólogo, ele era especialista em cobras e lagartos na Amazônia. Era isso gostava: de zoologia. E o Dreyfus foi quem aconselhou o pai dele a “não, vai fazer medicina por que essa história de biologia, de zoologia não dá dinheiro para ninguém, ninguém respeita”. E ele só fez medicina por conta disso em seguida já se deslocou para o museu de História Natural, museu de Zoologia, que ele foi diretor. Nessa época ele era diretor do museu de zoologia. O museu de zoologia era no meu bairro, aqui no Ipiranga, a gente chamava de Museu dos Bichos. E ele, conquistado como sei porque, apareceu... A gente tinha aulas no sábado à tarde e me aparece o Vanzolini... “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”, com a mão no bolso, e se apresenta: “Eu sou Paulo Vanzolini, vou dar aula de estatística”. E tira a mão do bolso já com o cachimbo aceso. Então foram as únicas aulas próximas de, de, do que poderia ser que de biologia e estatística que eu tive do curso médico. Quando resolvi fazer saúde pública, isso já 62, eu continuava a dar aula em cursinho – que era o que me rendia a sobrevivência; continuava fazer política, eu era membro do Diretório Estadual do Partido Socialista; tivemos uma campanha de governador que eu coordenei, uma campanha de governador. Porque em 62 foi quando começou a ter o horário gratuito de rádio e televisão. Nesse ano e eu então coordenava, a gente não tinha dinheiro para fazer mais nada, fazer alguns comícios na Praça da Sé e eu então coordenei uma campanha de... Tivemos menos votos do Cabo Daciolo... do que a Marina, tivemos menos votos do que a Marina... [risos]. mas enfim. Então eu tinha essa militância, dava aula feito um louco, mas tinha entrado na Faculdade de Saúde Pública e estava assistindo à aulas. Eu dava aula todo dia de manhã, às 7:15, saía correndo de lotação para ir lá pegar um pedaço da aula da Faculdade de Saúde Pública.

TF: Aí você estava fazendo especialização, mestrado, o que você estava fazendo?

JC: Nada, era, era formação em saúde pública. Não era, [tosse] não era graduação. Era uma espécie de...

TF: Você já estava formado?

JC: ... era uma especialização... Já tava formado.

TF: Já tava formado. Era uma especialização.

JC: Era Saúde Pública para médicos. Tinha Saúde Pública para médicos, Saúde Pública para Engenheiros e depois abriram saúde pública para outros profissionais da área da saúde. Mas inicialmente era saúde pública para médicos. Era uma turma, que geralmente eram pessoas indicadas pela Secretaria do Estado da Saúde, pessoas indicadas pela Fundação SESP, pessoas indicadas pela SUCAM e pessoas que vinham de países de países de, de, de...

TF: Da América Latina?

JC: ...da, da, de fala portuguesa. E também alguns da América Latina, tinham uns argentinos. A imensa maioria dos alunos desse curso de saúde pública para médicos eram... indicados. E tinham cinco vagas de vestibular. Tinha vestibular, que eu fiz o vestibular, passei entre os cinco. Estou só dizendo isso tudo para que vocês sintam em que situação eu me encontrava no final do ano de 62 e no começo do ano de 63. Eu dava aula para ganhar vida, fazia militância, coordenada uma campanha de candidatura a governador, assistia a essas aulas e aí arrumei um emprego à noite num pronto-socorro, Alto de Pinheiros, que era desconhecido, ninguém conhecia o pronto-socorro, então eu ia lá para dormir. Aí ele começou a ser conhecido e eu então já nem dormia mais. E mais que isso, eu e o Nelsão éramos assistentes informais do velho Samuel Pessoa, que estava exilado no Instituto de Medicina Tropical porque a Faculdade de Medicina onde ele tinha sido catedrático gostava tanto dele que o proibia de entrar na biblioteca. Então eu e o Nelsão éramos uma espécie de assistentes informais deles. E os assistentes dele, chamado Mauro Barreto, professor de parasitologia, tinha ido para Ribeirão Preto. Por isso é que: para vocês fazerem esta associação do que é que aconteceu na nossa área e o que é que é a reforma universitária teve de ver com isso, possivelmente terão que dedicar um capítulo especial a São Paulo. Por conta disto: por conta de que foi o grupo do Samuel Pessoa, que de uma certa forma, com Pedreira de Freitas, que era assistente Samuel Pessoa, o Mauro Barreto que era assistente Samuel Pessoa, foram para Ribeirão Preto, levados pelo Zeferino Vaz, um para ser catedrático de parasitologia. O Pedreira de Freitas que tinha ido a Viña del Mar e já foi convidado pelo Zeferino, ele falou: “vou para montar medicina preventiva”. Que não existia e foi no movimento de Viñ del Mar... Então ele já foi para Ribeirão Preto com o Mauro Barreto, ficou com um assistente do

Mário Barreto no determinado tempo, até que chegasse o momento de se criar um departamento de... o departamento chamava-se Higiene e Medicina Preventiva. E nessa altura do campeonato por Pedreira de Freitas... o Mauro Barreto pede para o Samuel Pessoa se não tem um menino novo, pra... pra ir, para ser assistente de parasitologia. Ele inicialmente convida o Nelsão, que é de Batatais até muito próximo de Ribeirão Preto...

TF: Como era mesmo o nome do Nelsão mesmo?

JC: Nelson Rodrigues dos Santos. Que você tem que entrevistar se ainda não entrevistou, pelo, pelo...

TF: Já fiz contato.

JC:É? Tá. O Nelsão dava uma chegada lá, e não se interessa. Aí o Samuel me fala “você não topa?”. Então tudo isso para dizer, onde é que eu estava metido. A minha vida estava no inferno, eu corria para cima e para baixo para fazer essas coisas todas e ganhando pouquíssimo. porque eu ganhava como professor de cursinho. Ai foi lá, vi o emprego, tinha a campanha... eu era do, eu era da, eu era da direção do Partido Socialista. No dia que eu fui lá para ver o emprego, lá, tinha um comício, tinha um candidato, tinha uma campanha de prefeito e tinha um comício do candidato do Partido Socialista. Eu cheguei lá para ver emprego, à noite já fui lá fazer o comício. Porque... eu ia ganhar mais do que o dobro do que eu ganhava aqui. Então eu falei: “pô, eu vou fazer o seguinte...” Assinei um contrato de dois anos. Naquele tempo chamava-se auxiliar de ensino. Todos éramos auxiliares de ensino. Tinha o catedrático e os outros todos eram auxiliares de ensino. O mais ‘mixinho’ de todos era o instrutor. Porque naquele tempo não tinha pós-graduação, portanto não tinha mestrado, se fazia doutorado direto. Então eu fui, analisei, pensei, levei livros de política, né, que eu sentia falta de estudar mais os livros de Marx, materialismo histórico dialético. Que eu falava em comício na Praça da Sé, mas nunca tinha me aprofundado. Levei isso tudo e falei: “passo dois anos numa cidade pequena, [...] leio esses livros todos, aí volto e vou tratar da vida”. Então topei e fui para lá... Bom, duas intercorrências, a primeira: eu frequentando o famoso café Única, encontro Luciano Lepera, que era um deputado Partido Comunista, que a gente albergava no Partido Socialista. O Partido Comunista era ilegal. Luciano Lepera, deputado estadual, que era um puta de um militante. Como eu era secretário sindical a gente sempre se encontrava em porta de fábrica, na hora que tinha uma greve, assim... Quando a força pública, em São Paulo, fez greve... Polícia Militar de São Paulo fez greve! Eu fui... Começou no, no... corpo de bombeiros da Praça Clóvis Beviláqua, que é aqui perto da Praça da Sé, foi

juntada agora tem um quarteirão no meio que eles implodiram e ficou tudo junto. E o quartel dos bombeiros era na Praça Clóvis Beviláqua, eu saí da sede da UEE, quando soubemos disso, e fui lá para dar apoio e já estava Luciano Lepera em cima do caminhão discursando para os bombeiros. Eu tinha um relacionamento muito grande com esse deputado comunista... E aí, eu o encontro lá no café A Única, e ele me perguntou onde eu estava morando. E eu estava morando em um hotel, estava ali a menos de um mês. “ah, não. Meu primo aqui dentista, vai morar com ele, que ele mora sozinho”. Então foi uma intercorrência, de um lado muito agradável, porque me inseri numa turma e jogava futebol, jogava baralho quase toda noite. Era uma zoeira e depois a outra intercorrência, foi que no dia 31 de março de 64 tem o golpe militar, né, e a minha proposta de voltar para São Paulo, passados dois anos - eu fui embora em 63, ia voltar e 65 - aí ela foi para o espaço. E eu era professor de parasitologia, então era mais saudável ficar por ali. Então fiquei por ali fazendo parasitologia. Fiz uma tese doutoramento de “Tábuas de vida de Barbeiro”. Como é que a biometria dos barbeiros, como os Barbeiros nascem, os ovinhos. Como é que os ovos vão mudando de cinco estágios linfais até virar adultos, como é que eles começam a trepar, quantos ovos a fêmea põe. Decidi que os barbeiros... *Triatoma infestans*, não é qualquer Barbeiro... decidi da minha cabeça que eles eram monógamos, então eu os criava em tubinhos, casais separados. Vê que eu decidi que o Barbeiro era monógamo... Então, eu fiz uma Tábua de Vida e comecei a me entusiasmar com modelos matemáticos. Por quê? Porque eu estava fazendo... Me enveredei, me associei ao pessoal do Curso de Estatística, lá de Ribeirão Preto. Cheguei a participar de várias discussões estatística matemática, acompanhando a leitura crítica de capítulos de um livro estatística matemática. Portanto eu não era apenas um aplicador das estatísticas, eu tinha um embasamento... Que eu perdi depois que você abandona isto. Mas eu... e fiz então essa tese analisando tábuas de vida e capacidade inata de aumento numérico de uma população... que era um preâmbulo para tentar fazer um modelo matemático para Doença de Chagas, baseado não na população humana, mas na população de transições que era o que George Macdonald, da London School, da escola de Londres de Higiene e Medicina Tropical tinham desenvolvido. Um modelo matemático de malária baseado na história de vida do *Anopheles*. Então eu estava muito empenhado nisso, fiz o doutoramento, com... uma biometria, analisando como é que é a vida de um transmissor. Como é que ele se reproduz. Qual é o [?], né. A capacidade de...

TF: Doutorado você fez lá na, na...

JC: Ribeirão Preto.

TF: Ribeirão Preto

JC: Em Parasitologia.

TF: Na USP de Ribeirão Preto?

JC: Em parasitologia. Isso foi em 70, portanto já estava lá sete anos e o meu chefe, o Paulo Barreto tinha se aposentado. Meu chefe já não era mais ele, era o Astolfo. Foi para Londres, ele fazia sorológico. Foi para Londres para os laboratórios da *Wellcome* para fazer um negócio mais atualizado, e eu pedi para a ele que verificasse se era possível conversar com Macdonald do *Ross Institute*. E ele me pôs em contato. Eu troquei algumas correspondências. Consegui uma bolsa pela Organização Mundial da Saúde e fui para Londres, para ter um estágio no *Ross Institute* que é no porão da London School, com MacDonald, para tentar iniciar a elaboração do modelo matemático de Doença de Chagas baseado na vida do barbeiro. Quando eu chego lá o MacDonald tinha morrido, ninguém mais do departamento de fazia modelos matemáticos, e aquilo para eles eram uma coisa ultrapassada e me botaram com tal de [J. R.] Busvine, que era quem tinha substituído Macdonald, que era um entomólogo, te fazia estudos de resistência de insetos, a inseticidas... Então eu fiquei lá o tempo com Busvine, naquele tempo não tinha papéis oficiais, papéis de filtro impregnado, a gente tinha que preparar a diluição do inseticida em óleo, óleo neutro, impregnava no papel e aí ele me pôs para fazer cito repelência. Porque o *Anophelino*, se ele pousa no aparelho com inseticida, com DDT, se ele absorve o inseticida ele morre e a não ser que ele tenha desenvolvido uma resistência fisiológica, mas tem outro tipo de resistência que é chamada *excito-repelência* que ele fica irritado. Alguns pousam e o inseticida o irrita e eles pulam foram. Então eu ficava com um funil grandão, eu jogava os *Anophelinos* no papel de filtro embaixo jogar ele ficava contando o número de vezes que o bichinho pulava, para ver em função da concentração: papéis de filtro sem nenhum inseticida, com pouco, e ia aumentando a concentração para ver se eles pulavam muito, pulavam pouco. E o meu vizinho de bancada, era um africano, que também induzido Busvine, estava estudando se a tsé-tsé, a música da... a mosca da Doença do Sono, prefere a... faixa branca ou a faixa preta da zebra. Eu contava o número de vezes que o mosquito [bate na mesa] pulava e ele contava quantas vezes a mosca ia...

TF: Em que zebra que era... em que listra que era...

JC: Se ela preferia pousar... E aí eu me dei conta, que eu estou em uma escola que é uma escola da Universidade de London, London School of Hygiene & Tropical Medicine, um curso combinado de estatística médica e epidemiologia. Então uma vez ali, me insinuei e fiz o *combined course* de *medical statistics and biology*. Então eu fui parasitologista, para fazer modelos matemáticos de Doença de Chagas e voltei com diploma de estatística médica epidemiologia. Quando nós estávamos montando a pós-graduação. A pós-graduação não existia, mais aí...bah. Primeiro... porque eu estou dizendo que vocês teriam que analisaram a evolução da nossa área, em função da reforma universitária, porque se deu a reforma universitária da USP. E na reforma Universitária da USP, como esse negócio da janela de...Vai fazer agora ter, como a janela de jogador de futebol. Chega num determinado quanto que você pode mudar de clube. E agora os deputados que foram eleitos, vencerá a cláusula de barreira, tem um período que eles podem se reposicionar. Então quando se fez a, a reforma universitária da USP, a Higiene e Medicina Preventiva, que tinha mais umas regras rigorosas: tem que ter o número mínimo de docentes, ter não sei o quê, o número mínimo de doutores, [?]. Em função disso tiveram que se agrupar algumas. Então a Medicina... Higiene e Medicina Preventiva do Pedreira de Freitas, se juntou com a Medicina Legal, e para não ficar nem com Medicina Legal nem como Higiene, passou a ter o nome de Medicina Social, coisa que não existia até então.

TF: Não medicina preventiva, medicina social direto?

JC: Soltou... sumiu a preventiva.

TF: Isso já era década já era sessenta... Oh, porque a reforma universitária foi em 68, lá aconteceu em 69?

JC: Isso está tudo aqui.

TF: Sim. Mas eu quero que esteja aqui.

JC: Am?

TF: Quero que esteja aqui, [risos] gravado.

JF: Não, isso foi anos 70. Já começo dos anos 70. É... começo dos anos 70. Foi quando se fez a, a... E aí quando eu voltei, eu não fiquei mais na parasitologia como os docentes podiam...

TF: Se reposicionar.

JC: ...se reposicionar. Eu já passei pra, pra o Departamento de Medicina Social. E aí como a pós-graduação estava sendo criada, aí junto com [José Roberto] Teruel, que era o docente mais graduado, com Nagib [Haddad]. Eu não sei se o Pedreira ainda era vivo. Quando eu fui para Londres ele ainda era vivo, no meu retorno eu acho que ele era vivo ainda. Mas enfim, os assistentes mais graduados eram o Geraldão de estatística, Nagib, Teruel e aí os que tínhamos doutoramento embora não tivesse doutoramento em medicina preventiva, tinha doutoramento parasitologia, mas eu vinha com certificado de especialização em estatística médica e epidemiologia. Então montei junto com o Rufino, com o Manildo, com... ajudei a montar as primeiras disciplinas da pós-graduação da...

TF: Que começou em mestrado. Como era a pós-graduação?

JC: Higiene! Embora o departamento da tivesse mudado para Medicina Social, a pós-graduação continuou como pós-graduação em...

TF: Higiene.

JC: Medicina Preventiva e não higiene. Higiene já tinha sumido. Pós-graduação em... tanto assim que a própria residência era Medicina Preventiva. O primeiro residente de medicina preventiva foi o... que era do partidão, o Pedro Azevedo Marques, e o segundo foi Sérgio Arouca que foi residente na medicina preventiva. Tanto assim que a tese do Arouca, o Dilema Preventivista homenageia o Pedreira de Freitas que era o modelo de medicina preventiva que ele estava fazendo. Ele declara que é em homenagem ao Pedreira de Freitas. Bom, aí eu me encaixo... E aí isso tudo tá contado aqui. Se eu não te dei esse livro ainda. Já dei?

TF: Já me deu.

JC: Ah bom.

OA: Deu.

TF: Já deu.

JC: E aqui então se conta um pouco essa história, inclusive tem um capítulo meu que o Juan dá um pitaco, que são os preâmbulos. Quando eu conto as reuniões das preventivas. Foi quando nós começamos a fazer uma série de reuniões o estado inteiro. Rodávamos de um lugar para o outro.

TF: Aí olha só. Nessa ocasião, então, que estava na década de setenta, né...

JC: Começo dos 70.

TF: Isso. Onde se criou então essa... o seu departamento, o mestrado em Medicina Preventiva...

JC: O departamento já vinha de antes, né.

TF: Tá. Mas ele fortaleceu...

JC: Já como Medicina Preventiva - Higiene e Medicina Preventiva - por conta de Viña del Mar onde o Pedreira tinha ido e o Zeferino também.

TF: Isso. De certa forma se fortaleceu e se criou esse, esse aparato, digamos assim, de pós-graduações voltadas para medicina preventiva e social. Como é que foi?...

JC: Social não. Era medicina preventiva...

TF: Só preventiva... Tá.

JC: Eu não sei se algum já tinha social no nome. Mais a maioria era Medicina Preventiva.

TF: Esses alguns você se refere a quais? Indica para gente, por favor. Quais eram? Era Ribeirão Preto, qual mais?

JC: Ribeirão Preto, São Paulo, não sei se Bahia, Bahia também... bom, mestrados tinham vários, mestrado e doutorado só tinha Ribeirão Preto. Ribeirão Preto era o único que tinha mestrado e doutorado.

TF: Então foi o primeiro que criou o doutorado?

JC: O doutorado sim. Foi Ribeirão Preto. Mais isso também foi pouco tempo, logo os outros todos criaram doutorado. Quer dizer, nós, nós criamos o doutorado de imediato, por quê? Porque nós tínhamos residentes que tinham feitos vários cursos que a gente dava na residência que eram praticamente equivalentes e ter feito mestrado. Então nós, nós os dispensamos de fazer mestrado. Isso era uma coisa que não era comum, ainda hoje não é comum, aceitar doutorado direto. A CAPES aceitou doutorado direto. Exigiu que eles fizessem as disciplinas indispensáveis, que eram definidas pela CAPES. Tinha que ter uma prática. Toda pós-graduação em medicina. Mesmo em medicina preventiva. Tinha que ter anatomia patológica, tinha que ter anestesia, tinha que ter radiologia, tinha que ter medicina legal, obrigatoriamente. Como esse pessoal que estava lá, o Rufino, o Juan... eles já eram nossos companheiros de departamento, eles já tinham feito isso tudo.

Então alegamos a CAPES que eles já tinham feito isso, era dispensável. Isso é uma coisa que digo sempre. Quando chamaram essa plataforma nova de plataforma Sucupira, eu falei é Odorico Paraguaçu mesmo, porque essa CAPES é tão complicada quanto a Sucupira do Odorico Paraguaçu. Não com o coitado do Sucupira, que é o nome de uma pessoa, que é uma pessoa importante. O que a CAPES fez quando nós dissemos que eles estavam dispensados, eles conseguiram separar uma tarefa do tempo gasto na tarefa. E disseram o seguinte: “dispensa dos cursos, mas não do tempo.” Se esses cursos duram cada um deles dois meses, são oito meses, eles só podem começar a pós-graduação daqui a oito meses. Isso deve ter nos arquivos do Departamento de Medicina Social de Ribeirão Preto, deve ter as respostas dadas pela CAPES. Acho que eu escrevi isso em algum lugar alguma vez de que a CAPES conseguiu a proeza de separar a tarefa do tempo consumido. “Eu te disse penso de fazer, mas não te dispenso do tempo que você deveria ter levado...”

TF: Aí coloca de castigo...

JC: ... a tarefa. De castigo... Então os primeiros desses eram todos companheiros já, de trabalho que dava aula pros residentes, já estavam lá. Por isso é que nós fizemos desde logo o doutorado junto com o mestrado, porque nós já tínhamos pessoas, a quem se pode atribuir já tinham cumprido a tarefa do mestrado. Então começou logo o doutorado, depois claro aí tinha mestrado doutorado. E aí como eu vinha com título de especialista em higiene, em estatísticas médicas e... eu dava junto com o Rufino e com o Geraldão, eu dava uma disciplina sem pontos, quer era um pré-requisito pra, pra fazer as demais, que era introdução à estatística. E depois, aí sim com direito a créditos, estatísticas vitais, epidemiologia, epidemiologia de doenças, que eram os carros chefes de departamento. E aí passei a me... Aí eu vinha de, de...eu vinha de Londres onde eu tinha tido um contato. Quem também era membro do departamento e que desde logo participou do conjunto docente, era minha ex-mulher, Clarice, que tinha ido comigo para Londres, tinha estagiado no Hospital St. Thomas, do Walter [Werner] Holland, então eu tive um contato estreito com o Walter Holland, que foi quem criou a Associação internacional de Epidemiologia, foi o primeiro presidente [...] E eu fiquei muito entusiasmado com a maneira como ele produzirá cientificamente. Ele ficava ali num bairro de Londres, London North, e ele fez ele fez um levantamento do bairro. Eu não me lembro se uma em cada duas casas, portanto 50% das casas, ou se uma em cada quadras, portanto 25% das casas, ele fez um censo, particular dele, que ele considerou uma amostra mestra do bairro. E aí começou a fazer com os especialistas no hospital St. Thomas, investigações do que veio a se chamar de epidemiologia clínica, né. O que é que interessa de investigação, em população, para o

ortopedista, para o dermatologista, para oftalmologista... Então ele tinha um dossiê de simultâneo, sei lá, de 200 pesquisas que estavam sendo feitas por amostragem domiciliar. Por subamostras da amostra mestra dele... Isso me entusiasmou muito, porque eu quando estava na parasitologia, eu aprendi com o Mário Barreto como é que se monta uma fábrica de produção científica. Ele tinha um *grant* do NIAID que era para estudar focos naturais e Doença de Chagas. Foi... até hoje, a minha produção ainda é praticamente metade dessa, dessa fase, porque ele tinha uma máquina de produção. Cada bicho que a gente capturava... Minha primeira tese de trabalho científico foi com macaco, macaco prego, *Cebus apella*, que ele tinha um tripanossoma e a gente investigava se era parecido ou não com o *Trypanosoma Cruzi*. Isso era feito de uma maneira tão rudimentar que [...]

TF: Com os olhos de hoje.

JC: Com os olhos de hoje é uma brincadeira. Uma brincadeira. A gente não chamava de *Trypanosoma Cruzi*, a gente chamava *Cruzi like*, e em português, Trypanosoma semelhante ao T-Cruzi. Eu tenho dezenas de trabalhos com isto, porque o Mario Barreto tinha uma máquina. Cada bicho que a gente pegava, cada conjunto de barbeiros que a gente arrumava uma palmeira e encontrava um ninho de barbeiro lá, e fazia o estudo da distribuição dos barbeiros. [?] nas palmeiras de Uberaba e por aí ia. Então eu vim imbuído, trouxe o dossiê do Walter Holland, e imbuído de fazer o procedimento de amostragem domiciliar, em Ribeirão Preto para copiar a ideia do Walter Holland. E por outro lado eu tinha já uma incursão pelo, pelo National Health Interview Survey dos Estados Unidos, que é o levantamento de semana que eles fazem de uma amostra representativa da população de Estados Unidos. É uma amostra complicadíssima. Eu fazia Ribeirão Preto, claro é uma amostra muito mais simples, então eu fiz uma cópia do que Holland fazia no London North, copiei um pouco a parte metodológica do *survey* dos americanos, porque tem o *interview survey* e tem o *examination survey*, porque eles tem *trucks* imensos, que são consultórios portáteis e aí faz exame. Mais isso eu não fazia. Mas, eu devo ter feito durante anos mais de 50.000 entrevistas domiciliares. Eu fiz várias teses, vários trabalhos. Porque aí eu montei o seguinte esquema: tinha uma capa, a capa era um as coisas as coisas importantes que a gente via em todos os homicídios visitados, e aí encartava, para cada investigação específica, como Holland, se investigação é de dermatologia, ele fazia uma investigação dermatologia. Eu fazia dentro da mesma, a geral era na capa. E aí cada investigação que me interessasse tinha uma folha específica. Então aí eu fiz, a Marilisa [Berti], que tá na Unicamp hoje, que é uma das professoras de

Medicina Social importante, da nossa área, ela foi minha orientanda e usou a minha amostra para fazer consulta de medicamentos por classe social. Veio o Hésio Cordeiro na banca, foi uma banca uma banca difícil para mim, para encarar. Mas por quê? Porque ela tentava fazer com os levantamentos domiciliares uma tentativa de, de, de *proxy* da classe social. Ela analisava as diversas classes sociais... Essa foi a tese dela. O Rufino orientou várias coisas sobre tuberculose e sintomáticos respiratórios usando... E eu fiz, como análise global do que era o processo de amostragem domiciliar, fiz a minha livre docência, minha tese de livre docência: entrevistas domiciliárias para condições de vida e consumo de serviço de saúde. Também perguntava: alguém ficou doente? Foi atendido? Não foi atendido? Tomou o remédio? Não tomou remédio? Aí

TF: Aí me diz o seguinte, nessa ocasião estava se organizando um campo de saber, muito voltado para a medicina preventiva, como é que ficava a conversa com a saúde pública? O que era a saúde pública, o que era a medicina preventiva? Como é que se separavam essas coisas, como é que se entendia isso? Essas duas áreas, campos?

JC: Como em Ribeirão Preto não tinha curso de saúde pública a discussão não se colocava com tanta obviedade como aqui porque aqui na realidade, na medida... Bom, aqui eles abrem a cátedra de medicina preventiva e o Guilherme Rodrigues vem da Bahia e faz o concurso na cátedra de medicina preventiva e é o primeiro professor de medicina preventiva da Faculdade de Medicina. Que rivalizavam com a Faculdade de Saúde Pública, que por outro lado tinha uma única graduação de nutrição, tem até hoje. Ele tem também uma é uma graduação em saúde pública, não em saúde coletiva. Mas e os que eles tinham, só tinham a graduação em nutrição, porque já...

TF: Era uma faculdade para uma graduação só? Para isso que ela foi criada?

JC: A Faculdade de Saúde Pública e o resto eram só especialização, especialização em saúde pública, saúde pública era a especialização, não tinha a graduação de saúde pública.

TF: E como é que lidavam com essas nomenclaturas? Discutia-se essas nomenclaturas, como é que acontecia isso?

JC: Eu uso as ideias no Juan César Garcia, naquele... num livro de, de, que foi produzido depois da morte dele. Eu por coincidência passei por Washington, ele estava em leito de morte, escrevendo o que é o primeiro capítulo deste livro. Que depois foi o

pessoal do, do, do Equador que editou. O primeiro capítulo chama-se: Juan César Garcia entrevista com Juan César Garcia. Quer dizer, ele pergunta e responde, pergunta e responde, pergunta e responde... então ali ele, ele, ele... as ideias que ele coloca ali... Primeiro: eu considero que saúde coletiva é uma área a que se deu o nome antes de se construir como um campo de, de conhecimento, né.

TF: Sim. Mas antes de ter saúde coletiva, tinha certo debate.

JC: Medicina preventiva

TF: E a saúde pública estava por onde?

JC: A saúde pública era como se fosse uma especialização para exercer na...

TF: E enquanto área de pensamento ou área de produção científica?

JC: É então um pouco que o Juan César... quando Juan César fala disso ele considera que: é diferente da sociologia médica, é diferente da antropologia médica, ele diz isso explicitamente. É diferente da... é diferente da medicina preventiva que era a evolução de uma ideia de que você não pode mais abandonar a história da medicina integral com as super especializações, e aí a medicina preventiva... com a história natural da doença... Ele considera que sim, tem um... Quando ele fala em saúde pública ele considera que é uma profissão, é um modo de trabalho, é um, é um ambiente de trabalho e ele não o discute como campo...

TF: A medicina preventiva e a saúde coletiva que vem depois, seria um campo de pensamento?

JC: Eu considero o que, no caso específico da saúde coletiva, é um olhar transdisciplinar - a minha definição - é um olhar transdisciplinar para questões relacionadas com a saúde e o bem estar, que vai de A a Z. Eu tenho saúde coletiva analisando biologia molecular e até e participação da sociedade em definição de políticas.

TF: Tá

JC: Para minha grande surpresa. Eu tenho livro aí. Eu digo isso para os alunos aqui do Instituto de Saúde, que eu e a Luiza, diretora do Instituto, damos a disciplina inicial, tanto da especialização, quanto agora do mestrado profissional que é saúde coletiva, então... Eu pego um livro, que por acaso eu comprei uma dessas editoras internacionais, um livro que eu senti que valia a pena ler que era uma análise de custo-efetividade no

sistema de saúde inglês das ações de promoção e das ações de prevenção. Quando eu encomendei este, veio a... na hora que eu estou terminando: “quem compra esse livro também pode gostar desses”...

OS: Indicação, né.

JC: ...*Saúde pública transdisciplinar*. Peguei e comprei. Eu mostro para os alunos, eu falo: eles reinventaram a ABRASCO 40 anos depois. [risos] Só que eles consideram a transdisciplinaridade, na, um pouco na lógica que o Naomar [de Almeida Filho]... o Naomar tem um texto de transdisciplinaridade, que na publicação eu faço o primeiro comentário que eu digo transdisciplinaridade dá um barato. No sentido vulgar, né... Dá um barato...E ele considera que é transdisciplinaridade não é um diálogo epistemológico de disciplinas, ele é um processo de operadores transdisciplinares. O operador transdisciplinar é que circula entre diversas disciplinas e integra isto da maneira que ele conseguir integrar.

TF: Então são vários operadores integrando?

JC: Os operadores. Que ele diz que ele é um anfíbio. E aí eu comento que pô... Eu me considero, só que não um anfíbio. Eu acho que é um inseto kafkiano. Eu não quis dizer barata, porque a Rita Barradas, Barradas Barata era pela presidente da ABRASCO nessa época e eu não ia dizer que o operador transdisciplinar é uma barata porque não pegava bem. Só que eu dizia que ele sorve fluídos, mas deixa ovos e dejetos, portanto ele também influencia a disciplina por onde ele passa.

TF: É, interessante.

JC: Agora, eu, eu pessoalmente...

TF: A gente vai voltar um o pouquinho.

JC: ...considero esta ideia do, do Juan César, nesse Juan César entrevista Juan César, que ele deixa separado a saúde pública como sendo uma área de trabalho, tá, uma área de trabalho e não discute como um campo disciplinar, não. É um é um jeito de você viver a vida e trabalhar e de fazer com que... a situação das pessoas seja... mas sem entrar em grandes discussões a respeito do...

TF: Mas então antes de a gente entrar na saúde coletiva propriamente, eu queria que você falasse, você já até contou um pouquinho pra gente, até informal, de maneira informal...

JC: Agora aqui em São Paulo, eu não sei como é que era no Rio e em outros lugares, aqui, na realidade, quando se começou a construir isso foi na reunião das preventivas e a reunião das preventivas é que foram avançando na construção...

TF: Você está chamando de reunião das preventivas aquele congresso de higiene?

JC: Não. Foram sucessivas reuniões. Isso está aqui num dos capítulos. Eu não sei se eu descrevo quantas foram, mas foi uma em Botucatu, foi uma na Santa Casa, foi uma em Ribeirão Preto... quer dizer nós reuníamos, dois dias, geralmente eram dois dias no final de semana para conseguir discutir coisas importantes. A que eu me lembro e que eu sinto de vez em quando, é que foi aqui na Santa Casa. Nós discutimos porque nós éramos tão rejeitados pelos estudantes. Porque os estudantes não gostavam de nós. Então... o tema e passou a ser chamado...

TF: Não gostavam porque os cursos ficavam meio vazios, é isso que você está dizendo?

JC: Eles detestavam. Para eles ter aula, ter aula de medicina preventiva na, na, no momento clínico, quando eles podiam está na clínica médica...

TF: Na especialização.

JC: ...na ortopedia, não sei o quê. E nós só enchíamos o saco dele, ainda mais quando a gente a fazer discussão de ciências sociais e saúde, epidemiologia eles até. Eu até dava aula de metodologia epidemiológica na graduação e dava aula de metodologia e profilaxia de doenças. Que era uma coisa muito objetiva. Claro, discutia, incidência, a prevalência... mas do que: das doenças transmitidas pelas fezes, das doenças transmitidas pela água...

TF: Condições de vida.

JC: Então nós éramos muito rejeitados. Naquele tempo tinha uma pasta de dentes, acho que era Colgate, com Gardol, que era chamado o escudo invisível. Então a reunião da Santa Casa foi chamada a reunião Gardol, porque nós discutimos o escudo invisível que os estudantes tinham para nós, para nos rejeitar. Porque Gardol rejeitava as bactérias, né [risos]. Essa, por exemplo, foi uma discussão. Outra discussão foi [...] por exemplo estatística em... enfim, a gente discutia as coisas de, de. Esta foi uma que era: porque somos rejeitados? Mas mais frequentemente a gente discutia como harmonizar a maneira de ensinar que de epidemiologia, maneira de ensinar. especialmente quando começaram entrar...

TF: Isso lá na reunião, nessas reuniões das preventivas que aconteceu aqui em São Paulo, uma coisa meio típicas e uma preocupação de vocês de...

JC: Uma preocupação aqui que foi...

TF: De aproximar os alunos talvez também, né?

JC: Eu não me lembro se a gente aproximava os alunos.

TF: Mas vocês tinham essa preocupação, já que vocês tinham essa crítica, assim, dos alunos.

JC: Bom, já que éramos recusados, acho que não tínhamos [.] Bom, os alunos que a gente atraía eram todos porra loucas. Antônio Palocci, que era Libelu, [Liberdade e Luta - tendência do movimento estudantil] só vinha encher o nosso saco, nas nossas reuniões. Agora tá enchendo o saco do Lula [risos], mas encheu muito meu saco quando ele era estudante e eu era professor.

TF: E aí, olha só...então pronto. Dessas reuniões da preventiva... da reunião da preventiva, isso aconteceu em setenta e. antes de 6?

JC: Nos setenta.

TF: Início dos sessenta... dos setenta. Dessas das preventivas, para o congresso de higiene e o congresso paulista de saúde pública, que de certa forma fomentou...

JC: Não o Congresso de Higiene era da Sociedade Brasileira de Higiene e Saúde Pública. Já era o décimo, vigésimo... não sei quanto.

TF: É, era o décimo nono. Congresso paulista era o primeiro.

JC: A APSP – a Associação Paulista de Saúde Pública foi criada na Faculdade de Saúde Pública, pelo pessoal mais conservador, pessoal conservador da Faculdade Saúde Pública e foi quem criou e que não tinha feito... embora existisse há muito tempo, acho que nunca tinha feito. Acho que neste congresso que eu comento aqui, ele, ele [...] Eu acho que eu tenho um outro livro, que tem o, os congressos do... Você tem esse livro dos congressos da [?],

TF: Não, não tenho.

JC: Daqui a pouco eu...

TF: Depois você vê, depois você vê.

JC: Depois eu pego, que eu tenho...

TF: Quando acabar, quando acabar... Depois você vê isso. Vamos trabalhar com sua lembrança. Por que quando acontece isso aí, essa reunião de preventiva a gente tem também uma organização... a criação do CEBES, que demarcar...

JC: Que é simultânea.

TF: Fala um pouco sobre essa conjuntura. Depois você mostra para gente...

JC: Não, deixa só ver onde eu pego isso aqui.

TF: Vamos falar um pouco dessa conjuntura da década de 70, quer dizer, tem essa conjuntura aqui, da década de São Paulo, mas tem uma conjuntura mais geral com a qual vocês já deviam estar conversando, que foi inclusive que criou um centro de, um centro brasileiro, o CEBES.

JC: Eu participei menos da, da criação do CEBES. Quem participou muito disso aqui em São Paulo foi o David [Capistrano], Zé Rubens que tá aqui no setor saúde que foi um dos primeiros diretores.

TF: O que que levou a criar o CEBES, a fazer outras formas de reunião, até chegar à criação da ABRASCO que a gente vai falar daqui a pouco? O que que levou, foi a inquietação de uma organização de uma área? O que você tá... mais ou menos o que você tá...

JC: Em grande parte... porque nós já tínhamos de uma maneira, de uma maneira não formal de uma instituição que organizasse, nós já tínhamos o Movimento da Reforma Sanitária já em pleno curso e conduzido no Rio pelo... como é que chama... o famoso... enfim, o Gentile de Melo, o [?]

TF: O Gentile, o Arouca. O Arouca não. O Arouca foi daqui...

JC: Não, o Arouca foi, o Arouca foi nosso aluno, ele fez residência em Ribeirão Preto e depois veio para Campinas, para Unicamp, onde ele entrou numa rota de colisão com Zeferino, né. Ele entrou em uma rota de colisão com o Zeferino. Você já viu alguma vez, eu não sei se eu tenho aqui, eu tinha, mas eles reorganizaram os meus livros e eu agora já não acho mais nada, eles estavam todos naquela sala de lá, e eu sabia, eu tenho a memória posicional, né. Trouxeram para cá eu não sei.

TF: Mas depois você acha

JC: Tem um livro, Americanos no Brasil. Você conhece?

TF: Não

JC: É uma tese de doutoramento...

TF: Anota aí pra mim [Otto].

JC: ...feita na Unicamp que descreve a presença incômoda da fundação Rockefeller do Brasil, na área de ensino médico. Então descreve a troca de correspondências dos contatos deles aqui com o escritório central, não sei se em Washington, eu acho que em Washington.

TF: Eu acho que em Washington.

JC: Será? Transcreve uma carta do Zeferino Vaz pra esse Fulano, esqueci o nome dele, contando, isso em 64, contando que tem acontecido em 64 e dizendo: “finalmente os derrotamos”. Eles serão todos...

TF: Deportados.

JC: ...demitidos. Especialmente os que tinham constituído um pelotão de fuzilamento em Ribeirão Preto. Quando era eu, Zeferino Vaz era diretor de lá e aí ele diz quem era pelotão de fuzilamento: Sérgio Arouca, Zé Carvalheiro... Eu, ele me colocava como membro do pelotão de fuzilamento. Marisa Marques, Pedro Marques. Então ele descreve e diz que era o pelotão de fuzilamento. “Serão todos demitidos” porque nós finalmente... Isso ele deve ter feito logo em abril de 64 e a Ana[maria] Tambellini, ela esteve aqui. Ela me entrevistou. Ela fez um,a, uma, um trabalho, possivelmente já relacionado com a trajetória dela e do ex-marido, Sérgio Arouca.

TF: A gente viu, tem um projeto grande.

OA: Projeto da Unirio...

JC: E ela me entrevistou aqui, naquela, naquela mesinha dali.

TF: É. A gente viu essa entrevista.

JC: E eu contei para ela, eu tinha o livro, que tem esse livro, tá editado. Aliás, eu devo ter um por aí, se eu conseguir achar dou um para vocês. Porque é de uma editora, de uma editora simplesinha que vende o livro a dez reais, desde que você compre pelo menos cinco. Seja... todos os livros deles custam dez reais desde que comprados em um número... Aí eu peguei comprei logo uns cinco desse aí, portanto eu fiquei com um

montão deles, porque eu tô ali como membro do pelotão de fuzilamento. Tão, tão incompetente que não conseguimos fuzilar o Zeferino. E aí eu contei isso para Ana, porque ela não sabia disso. Depois eu encontrei a Ana na ENSP um dia... “Carvalho, eu fui na Unicamp e a tese sumiu dos arquivos da biblioteca, não existe maaais” Mas existe no livro. Está editado, portanto não se perdeu. Diz que chegou lá vai daqui vai dali... Sumiram com, com, no acervo da Unicamp. Não tá mais. Bom, mas enfim

TF: Queria que você falasse mais um pouco...

JC: Cria-se um movimento da Reforma Sanitária, aí com grande parte influenciado por [Giovanni] Berlinguer, por Gentile, Carlos Gentile de Melo. Aqui em São Paulo, Guilherme Rodrigues da Silva, Samuel Pessoa já tava numa fase...

TF: Já tava mais velho.

JC: Já tava mais mais velho, mas praticamente não participa tanto disso, mas alguns assistentes dele sim, né. E [...] isso, de uma certa forma, faltava o local onde atuar, e o local onde atuar poderia ser a Sociedade Brasileira de Higiene e Saúde Pública. Mas o Maneco Ferreira, Ferreira...Maneco Ferreira, o Ernani Braga, né. O Ernani Braga é sobrinho do Braguinha, do João de Barro Braguinha. Quando a gente fazia reuniões de tinha um piano na sala, Ernani puxava um sambinha... Eles não nos deixavam entrar, eles tinham medo da jovem, da jovem, dos jovens turcos, né. Os baianos acho que interpretam isso nas categorias do Bourdieu, que é como se apropriar do capital intelectual, da briga do capital intelectual, eles interpretam isso. Eu não transito por essa área, eu não vou não vou me meter. Mas é um pouco isto. Nós, nós nos beneficiamos... era difícil atuar nesse espaço, porque eles não nos davam, nos davam chance que eles possivelmente, que certamente temiam de ser superados e... Eu quando começou aparecer essa molecada nova agora da graduação em saúde coletiva, eu em um determinado instante tive um choque e falei: puta que pariu, será que baixou em mim o espírito do Maneco Ferreira, Ernani Braga. [risos] E eu tô com ciúme dessa molecada também. Então eu passei aceitar numa boa, não concordo com muita coisa...

TF: Fez uma terapia...

JC: ...não concordo com muita coisa muita coisa que eles fazem, mas é que são eles, são eles...

TF: Nós vamos chegar lá. Depois quero saber dessa história... Mas perai vamos...

JC: Então. Em busca de um de um local para atuar em São Paulo, se fez essa história de

não eram entidades, não eram uma associação, era um conjunto das medicinas preventivas, se uniu, informalmente. Mas ela poderia até ser chamada.... Não era, gozado, ela não era chamada de Associação Paulista de Saúde Pública, que... você tá me chamando atenção uma coisa que eu não tinha me ocorrido: a gente ficava meio que a parte tanto assim que Associação Paulista de Saúde Pública foi criada na Faculdade Saúde Pública, e não tinha a participação, a presença ativa. Eu acho que agora com a Marília, especialmente, talvez um pouco antes até. Eu sou sócio dessa entidade porque eu fiz o curso lá, não terminei o curso, e não acabei não dizendo isso. Quando chego num determinado momento eu estava tão estupefado de trabalhar aqui com várias coisas trabalhando no pronto-socorro. Porque aí o pronto-socorro não era conhecido, ninguém ia lá, ia lá para dormir, mas aí passou a ser conhecido e eu não dormia à noite então para mim aquilo virou um pandemônio, quando eu fui para Ribeirão Preto. Mas eu, eu assistia às aulas da Faculdade de Saúde Pública e por isso era membro da associação. Mas a maioria das pessoas, da, da, da nossa área de epidemiologia, de higiene e saúde, e medicina preventiva, não participava tanto quanto eu saiba nas origens da PSP. Mas se tentou fazer alguma, alguma associação fazendo esse conjunto de... E ao mesmo tempo, eu não participei ativamente da criação do CEBES, então eu tenho pouca... embora tenha sido... eu me associei rapidamente, não só um dos sócios originais. Então não sei exatamente. Sei que ele surgiu antes da ABRASCO, né. Quando resolvemos criar uma entidade, resolvemos criá-la sem chama-lá nem de higiene, nem de saúde pública para não competir com os velhos.

TF: Aí você nos disse da outra vez, e eu queria que você retomasse para ficar gravado, que vocês estavam nessa reunião da paulista com, com a higiene e que vocês atravessaram a rua, foram tomar uma cerveja e dali surgiu a ideia de criar...

JC: É, foi aquilo...

TF: uma coisa da saúde coletiva. Conta essa história para a gente.

JC: Porque esse Congresso da Associação... da Sociedade Brasileira de Higiene e Saúde

Pública foi feito no Anhembi, que é um local de eventos. E num determinado momento a gente saiu dali só atravessou a rua porque tem o Campo de Marte lá, que é um aeroporto pequeno só pra, pra voos...

TF: De jatinhos.

JC: De jatinhos e coisas, né. Então nós nos reunimos na cantina dos oficiais lá.

TF: Esse nós quem era?

JC: Então é isso que eu preciso que vocês me arranjem um jeito de organizar meu acervo. Daqui a pouco nós vamos ver o meu acervo que aí vocês vão ver o meu drama [risos]. O que que eu teria que fazer...

TF: Então você não lembra quem estava contigo. Mas não tem problema.

JC: Não, lembro! Lembro! Nelsão [Nelson Rodrigues dos Santos] estava, Arouca estava, Carlyle [Guerra de Macedo] estava, ele não era, não era ainda dirigente da OPAS. Ele simplesmente era uma pessoa que já tinha trabalhado na OPAS no Chile, mas ele não tinha sido ainda diretor.

TF: Essa reunião só tinha paulista ou tinha membros de outros estados?

JC: Não, eu estou falando. Tava Carlyle, tava Hésio, certamente Hésio Cordeiro, do Rio não me lembro se estava Noronha. De São Paulo, estava Guedes, certamente. Estava Nelsão, estava Guedes, estava eu, estava Guilherme...

TF: Vocês já estavam com a ideia de começar a conversar sobre essa nova...[?]

JC: Tanto estávamos que o tema foi como vencer a resistência do Maneco, do Ernani Braga... para conseguirmos atuar de uma maneira institucional, não é? E por isso nós não fizemos a reunião ali no âmbito do Anhembi, nós fomos bem escondidos. Eu diria que era uma mesa menor do que esta... eu não me lembro se era ou eram duas mesas, mas que estavam próximas. Não deviam ter mais do que 12 pessoas, eram 10 / 12 pessoas. Então as que eu lembro: Carlyle, porque eu lembro do Carlyle? Porque eu sabendo que ele, a família eram... naquele tempo tinha a Arena e MDB, né, e a família dele no Piauí, ele é piauiense... Carlyle é... Piauí... era toda da Arena, inclusive tinha próceres da Arena na família dele. E eu de sacanagem com Carlyle... uma das propostas, eu me lembro que a proposta que eu fiz... tá anotado! Porque eu fiz... Nesse documento tem pessoa por pessoa cada um falou, inclusive uma indicação rápida minha do... Eu de sacanagem

propus a gente entrasse para formar o grupo de saúde do MDB. Foi minha proposta, porque a gente estava em busca de uma institucionalidade, porque aí já começava a ser discutido... a Alma Ata não tinha acontecido ainda, mas já estava a efervescência disso. A ABRASCO se cria em setenta e...?

TF: Nove.

JC: Nove. Um ano depois de Alma Ata. Então já...

TF: É 79?

JC: Já é um ano... mas a gente já tinha Gentile, que era um dos ícones, né, que escrevia na Folha toda semana, o Gentile tinha, tinha uma coluna semanal.

TF: Mas me diz uma o seguinte: então quando a ABRASCO... então a ABRASCO, surgiu essa ideia, né...

JC: Então surge essa ideia e para não colidir com os velhos, a pós-graduação tinha acabado de ser criada. Então vamos chamar de pós-graduação e não, não, não chama de saúde pública e vamos chamar de pós-graduação e o Guilherme tem um texto que eu dou para os alunos que ele já... é o texto anterior a isso, bem anterior a isso, é um texto...

TF: Então era uma ideia deixa só eu esclarecer. Era uma ideia de se criar uma entidade, uma instituição para institucionalizar um conjunto de ideias que estaria colada com as com o pensamento acadêmico.

JC: Não só. Tanto assim que eu tenho a ousadia de...

TF: Como congrega a pós-graduação, como é que fazia...

JC:... eu tenho a ousadia de falar em filiar ao MDB. E criarmos no MDB. Porque já se começava a falar de Constituinte, não tinha nenhuma expectativa... A ditadura tava ainda em curso, e não se tinha acabado a ditadura.

TF: Mas por que congrega e chamar pelo nome de pós-graduações? Quer dizer, era uma entidade que queria juntar as pós-graduações, mas tinham coisas por fora disso né?

JC: Mas num primeiro momento foram as pós-graduações, tanto assim que, se....pensou para fugir do, do, do embate com os velhinhos da saúde pública e higiene não vamos chamar nem de higiene, nem de saúde pública.

TF: Então você acha que a diferença que fazia com esse grupo era fato está consolidado,

consolidando em pensamento, mais, mais... como eu vou dizer... mais organizado, escolarizado, digamos assim?

JC: Bom, de uma certa forma sim. Mas ao mesmo tempo com uma perspectiva de uma atuação, porque o Gentile de Mello, por exemplo, ele tinha uma atuação pública e que apontava muito para definições políticas, e não era apenas uma coisa acadêmica, não era apenas...

TF: Apesar do nome está colocado como pós-graduações... [vozes sobrepostas]

JC: Como pós-graduação, um pouco para fugir do embate com os velhos. E ao mesmo tempo que a maioria das pessoas que estavam ali já tinha pós-graduações. Nós tínhamos pós-graduações, eu acho que não tinha ninguém que estivesse ali que...

TF: Mas aí eu pensei ao contrário: que estariam congregando instituições que tinham pós-graduação. Porque não eram só pessoas era, também, pensando nas instituições, ou tô errada?

JC: Tanto assim que têm sócios, esse instituto de saúde é sócio institucional, apesar de não ser uma instituição acadêmica propriamente dita, não é? Esse instituto não é da universidade, é da Secretaria da Saúde, portanto ele é ligado ao serviço, no entanto, ela é sócio institucional da ABRASCO. Quer dizer, quando se cria a ABRASCO, já se cria com dupla militância. Os sócios institucionais... tanto assim que as eleições são meio a meio, os individuais tem metade dos votos e as instituições têm metade. Até hoje é assim.

TF: Sim. Tanto que depois quando mudou-se o nome e tirou-se a pós-graduação já foi uma...

JC: Contra o meu... fui o único que argumentou contra.

TF: Então diga, porque você argumentou?

JC: Porque eu passei por alguns instantes em que se tentou fazer... Teve uma reunião da SBPC na UERJ, que foi seu dia mais crítico desse debate, que foi... induzido se eu não me engano pelos baianos, pelo Sebastião Loureiro e... que era transformar a ABRASCO em movimento à semelhança do CEBES. Não necessariamente uma associação científica. E eu acho que perde muito, eu acho que a... sustância e a relevância que se dá à ABRASCO, em grande parte, é porque ela é uma associação científica. Uma associação científica ligada a SBPC.

TF: E você acha que isso aconteceu quando foi tirada o tirou o nome de pós-graduação

dela?

JC: Não. Acho que não. Eu acho que foi absolutamente [...] Quando se discutiu ela se transformar numa, numa espécie de um movimento...

TF: Então quando se, se discutiu a mudança...

JC: Tô estou pensando agora se eu não estou dando uma de Dias Toffoli... [risos]... Que disse que o golpe, que a ditadura, a ditadura...

TF: Era um movimento...[risos]

JC: Ditadura em 64 foi um movimento...[risos]

OA: Só uma... Você fala do texto do Guilherme, Guilherme Rodrigues...

JC: É o texto anterior é isso tudo, que eu uso. Eu tenho uma cópia se vocês se interessarem. Ele faz uma discussão interessantíssima. Ele faz uma discussão de que isto não são ideias que surgiram de uma cabeça inteligente ou de duas cabeças são processos sociais. Então ele pega disputa a medicina social, saúde pública, medicina preventiva e num determinado instante ele fala no coletivo. Da saúde no coletivo... Já me disseram que depois desta reunião, teve uma reunião... eu não me lembro, se é de Ribeirão Preto foi anterior ou da Bahia foi anterior. Eu acho que se aprofundou esse debate daqui do Anhembi. Inicialmente em Ribeirão Preto, acho. Depois se aprofundou ainda mais na Bahia. Então os baianos consideram que lá é que o Guilherme batizou, e depois teve a reunião em Brasília.

TF: Você acha que, você coloca então que o Guilherme teria sido mentor intelectual do nome?

JC: Acho que sim. Eu atribuo muito mais. Por quê? Porque eu tenho esse texto dele que, com muita antecedência, fala em saúde no coletivo.

TF: Saúde no coletivo?

JC: É.

TF: O coletivo enquanto pluralização [?]

JC: Ele não chama de saúde coletiva...

TF: Isso, isso.

JC: ...mas ele chama que, você tem que considerar que são coisas distintas e que é um processo...

TF: O Arouca também usa um pouco essa expressão da saúde no coletivo para o coletivo. A Donnangelo também, aí coloca o pai da coisa, como você mesmo está dizendo, uma circulação de ideias, né, seria isso?

JC: Mas eu acho que Guilherme... até por conta, ele foi, ele foi o relator da oitava conferência, i não é pouca coisa.

OA: Você lembra em que ano foi esse texto que ele escreveu, mais ou menos?

JC: Setenta e quatro, alguma coisa assim. Eu tenho o texto ali. Daqui a pouco eu pego pra vocês. Todo ano eu dou ele, todo ano eu passo ele para os alunos, pra mostras... Por quê? Porque apesar da saúde coletiva, apesar das, das determinantes sociais, apesar daEu digo para ele olha: aprofundem-se mais ou menos nessas coisas, o que vocês não podem sair daqui sem saber é o que é história natural da doença e quais são os níveis de prevenção, porque isso é do jargão da saúde deste momento. Qualquer cirurgião, ortopedista, fala de prevenção primária, em prevenção... Se eles sabem direito o que está falando, isso é outro papo. Mas você sair do curso de saúde coletiva sem saber o que é história natural da doença... E aí eu faço essa discussão que o Arouca fazia. História natural ou natureza histórica, né, fazer o contraponto. Então eu chego até a epidemiologia crítica, que deve tá por aí em algum lugar. Alguns dos livros do Jaime [Breilh], o último texto dele que eu publiquei na revista de epidemiologia, que é a epidemiologia no ciberespaço, no século XXI.

TF: É. Eu vi esse texto.

JC: E aí ele já avança na epidemiologia crítica no ciberespaço. Aí já vai pra... E aí já decola e vai lá para os exoplanetas.

TF: Isso. Me fala o seguinte. A ABRASCO foi criada buscando um espaço de conversa. Nisso esse pessoal da saúde pública, da higiene foi sendo [?]

JC: Porque a...

TF: Sim, é o que eu quero entender.

JC: Porque a pós-graduação passou ocupar um espaço equivalente ao dos cursos de saúde pública que minguaram, né. A briga que nós tivemos pra que os residentes de medicina preventiva e depois os mestrados pudessem fazer concurso para carreira de

sanitarista no Estado de São Paulo, foi uma briga. Eu vim de Ribeirão Preto, uma vez numa reunião que fizemos com o Walter [Leser], que era secretário e que tinha feito uma carreira de médicos sanitaristas, que nós viemos para reivindicar que os residentes de medicina preventiva pudessem se candidatar e não apenas os egressos de um curso...

TF: De saúde pública.

JC: ...de saúde pública.

TF: E ganharam isso?

JC: Ganhamos porque ele aceitou [...] ele aceitou. [?]

TF: E depois essa carreira foi extinta.

JC: Foi extinta. Foi extinta pelo Quécia. Porque era um, era um... Você para dirigir um Centro de Saúde, especialmente, um distrito sanitário e uma regional de saúde, você tinha não apenas que ter uma especialização em saúde pública, como você tinha que ter alguns cursos de planejamento, de epidemiologia avançada.

TF: Que dava o título de sanitarista?

JC: Que era o que... Tinha a maneira que você galgar degraus na carreira de médico sanitarista. Eu não me lembro se nós chegamos ao extremo de considerar sanitarista não apenas médicos, mas acho que carreira foi só no médico.

TF: Então vamos voltar para a saúde coletiva. Eu queria pensar saúde coletiva, né, na estratégia que ela teve que construir para se consolidar, inclusive de virar uma área autônoma da CAPES. Eu queria percorrer um pouco esse caminho aí que vai da década de 80...

JC: Na CAPES não porque eu nunca atuei direito na CAPES, mas no CNPq...

TF: Sim mas ela é uma carreira da CAPES. É, tá.

JC: Mas no CNPq eu estava lá, como membro do comitê de medicina preventiva.

TF: Aceita água? Quer água?

JC: No CNPq. Eu é que num...

TF: No Comitê, no Comitê de Medicina preventiva.

JC: Comitê de Medicina Preventiva. Incluía nutrição, se eu não me engano, e foi minha proposta de começar a chamá-lo saúde coletiva.

TF: Isso foi acatado?

JC: Foi acatado, tanto assim que no CNPq tem uma área de epidemiologia, uma área de nutrição, uma área de ciências sociais e saúde. Sei lá. Epidemiologia...

TF: É Saúde pública, medicina... saúde coletiva... Como é mesmo o Otto? A saúde coletiva, tanto na CAPES como CNPq.

OA: Saúde pública, epidemiologia...

TF: E medicina preventiva. Assim que tá dividido, tanto na CAPES como CNPq, [?]

JC: Não. Mas nenhum deles chama-se saúde coletiva, né, no CNPq.

TF: Então, a Saúde coletiva é uma, é uma... fica acima da Saúde Pública. É uma área.

JC: Ah tá! É uma área. Isso.

TF: Tanto no CNPq como na CAPES, [?]

JC: A CAPES então implantou depois, porque eu fiz essa proposta no CNPq.

TF: Isso. Então a CAPES hoje tem essas áreas, esse conjunto, então a saúde coletiva, ela passou acima da saúde pública, epidemiologia e medicina preventiva...

JC: Ela passou a ser uma umbrela que subsume, inclusive a própria saúde pública, né, coisas que nas ideias do Juan César ele deixa a saúde pública um pouco a margem.

TF: Então de certa forma a ideia do Juan César Garcia foi uma ideia que foi é, é incorporada, digamos, nesse pensamento, né.

JC: Porque ela à rigor, não é... Se você olhar a saúde coletiva com um olhar transdisciplinar, portanto de disciplinas, a saúde pública ela não é uma disciplina. A epidemiologia é uma disciplina, a estatística é uma disciplina.

TF: A saúde coletiva também não é uma disciplina.

JC: Ela não é. Ela é uma umbrela. Que ela possa subsumir a saúde pública, não tá errado, não tá errado. Nesse texto do Guilherme eu não me lembro em que contexto ele

fala no coletivo, mas acho que é até um subitem. Acho que é até um subitem. A gente pega daqui a pouco.

TF: Inclusive como estratégia, como desenho estratégico da, da saúde coletiva, acho que pela ABRASCO, né. Foi criado o programa saúde coletiva que tem o CNPq, a CAPES diz que foi de 82.

JC: 82.

TF: Programa de Saúde Coletiva. Era um conjunto de financiamento pela CAPES/CNPq, Ministério da Saúde...

JC: É porque a Capes. Ela financiou em 70/71. Quanto que você diz que foi isso?

TF: Em 82... 82

JC: Antes disso...

TF: Não. O programa de saúde coletiva. Ela financiava claro, mas ela...

JC: Ela já financiava...

TF: Isso, isso.

JC: ...mestrado e doutorado em medicina preventiva. [vozes sobrepostas]

TF: [vozes sobrepostas] Enquanto estratégia, como uma estratégia de fortalecimento, ela faz um conjunto... Quer dizer não só a CAPES, acontece um conjunto CNPq, CAPES, FINEP, Ministério da Saúde, OPAS e ABRASCO para financiar pesquisas em saúde coletiva num desenho estratégico de fortalecimento da área, eu vejo assim. Não sei se você concorda comigo, quer dizer...

JC: Ela tá num processo ainda, ela é um processo que não se esgotou. Ainda mais se você pensar na epistemologia crítica do Breilh, especialmente dessa no ciberespaço, e não sei o quê, ela está em franco processo de evolução. Eu fico curioso, quando comentei, quando publiquei o Jaime Breilh, eu não me lembro se eu era editor ou se eu fiz pelo menos uma apresentação do artigo dele. Eu lembrei uma poesia do Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, "Datilografia". "Temos todos duas vidas. Uma, a verdadeira é a vida na infância, das figuras coloridas, linda, espetacular. A outra e esta que a gente tem que trabalhar. Só nos dá aborrecimento e que acaba por nos meter do caixão." Então eu acho que nós estamos entrando numa epidemiologia no ciberespaço, segundo Jaime Breilh, que essa da vida maravilhosa, dessa vida virtual.

TF: Olhe só. Agora voltando aqui, queria conversar com você um pouquinho, a questão da saúde coletiva... Deixa eu dar uma olhada aqui, no que eu tava pensando. Ah! Quando o menino vem aqui e faz o curso de saúde coletiva, pensando...

JC: Anota que vale à pena, daqui a pouco eu te mostro o livro [...] A origem dessa ideia é porque é de Seattle, na costa pacífica, na, na, na costa pacífica dos Estados Unidos, em Seattle, no Estado Washington, que eles estão fazendo um experimento que eles vão analisar, passados décadas, algumas décadas, que é esse que estão... uma proposta de uma saúde pública transdisciplinar, né.

TF: Pois é, essa é uma questão, a saúde coletiva...

JC: E eles se baseiam em um texto do Institute of Medicine, que é da Academia de Ciência dos Estados Unidos, que é quando eles fazem uma discussão do povo saudável que deu aquela história do *Healthy People*... é baseado naquelas ideias que surgiram do Institute of Medicine, eles aproveitando aquelas ideias, de que na verdade ser um povo saudável não é apenas essas coisinhas... triviais... Baseado nisto, eles são meio... Mas enfim, eles consideram primeiro uma discussão sobre o que é transdisciplinaridade na pesquisa, o que é transdisciplinaridade no ensino, o que é transdisciplinaridade na, na atuação concreta nos serviços.

TF: E como é que fica essa conversa... Saúde coletiva é só brasileira, né.

JC: Mas já tá começando. Se você entrar...

TF: Tá começando, mas já tem quarenta anos de saúde coletiva.

JC: Mas eu uma vez, por curiosidade, eu entrei em *collective health* e o que eu vi foi o orçamento conjunto da área da saúde e segurança e seguridade social do governo americano. Isso para eles era uma rubrica orçamentária Saúde Coletiva era isso, ninguém falava em saúde coletiva. Agora já... Bom eu me lembro do Jaime Breilh, numa reunião que fizemos aqui, numa mesa dá de pancada “quem é que é você, que conversa é essa? O Bra.. o mundo inteiro e a América latina chamam de Medicina Social, que é essa invenção de vocês é essa”? Foi assim uma fala dura, uma fala dura do Breilh.

TF: Então existe uma certa, uma certa... Uma parede de, de debates, aí, contra.

JC: Para mim como isso surgiu: para a gente fugir do nome, só... porque o que nós queríamos continuar a fazer era o que nos estávamos fazendo. Tanto assim que nos chamamos pós-graduação. Nós dávamos curso de epidemiologia.

TF: Então esse diálogo com saúde coletiva, pra... porque inclusive na tradução tanto na CAPES como no CNPq, a tradução do nome aparece Saúde Pública, não aparece saúde coletiva. Aparece *Public Health* e não *Collective Health*. É uma tradução, mas é uma tradução só do nome ou só [?]

JC: Ah! Quando a CAPES, quando a CAPES põe um texto em inglês, põe [?]

TF: Quando coloca a área, tradução do nome da área, tanto a CAPES, como CNPq, não colocam saúde coletiva.

JC: Eu quando era presidente da ABRASCO, ao falar no exterior ,eu dizia que eu era presidente da Associação Brasileira de Saúde Pública.

TF: E qual era a pergunta? O que é que é isso?

JC: Ah?

TF: O que é que era isso? Existia uma interrogação quanto a isso ou era absorvido esse nome como saúde pública, porque lá era saúde pública? E qual era essa diferença?

JC: Não. Eu nem dizia saúde coletiva. Eu dizia: sou presidente da Associação Brasileira de Saúde Pública.

TF: Ah! Saúde publica.

JC: Eu não dizia que eu era...

TF: Porque era um entendimento mais facilitado.

JC: Só tive uma briga séria uma vez, que foi com um canadense que queria... exigir que nós fizéssemos *advocacy*. E o Álvaro Matida me fez um... Eles inventaram esse símbolo da ABRASCO. Vocês sabem que representa aquele...?

TF: Não...

JC: É um livro com três páginas. É um canto de livro... aquele...

TF: O símbolo da ABRASCO.

JC: O símbolo da ABRASCO é um canto de livro com três páginas: Ensino, pesquisa e extensão. E aí o Álvaro Matida, quando preparou meu texto para eu falar na federação, no Congresso da Federação Internacional de Associações de Saúde Pública, me bota aqui embaixo *advocacy*. Eu peguei tirei *advocacy* porque eu ia participar de uma mesa que ia discutir *advocacy*. Então eu não pus *advocacy* no nosso, eu tirei! Eu tive uma briga com o

canadense, porque eu disse que a ABRASCO não faz *advocacy*, a ABRASCO prepara, porque ela não é uma associação de saúde pública como as outras, até porque no nível internacional se fazem reuniões conjuntas, a Federação Internacional de Associações de Saúde Pública faz congressos conjuntos com Associação Internacional de Associações de Ensino em Saúde [...] e fazem reuniões conjuntas. Então o meu argumento é que nós juntamos isso, nós somos ao mesmo tempo uma Associação Brasileira de Saúde Pública e uma Associação Brasileira de Escolas de Saúde Pública.

TF: É assim que você apresenta o nosso mundo, digamos.

JC: É. Se não ninguém entende o que nós fazemos. Então eu dizia, eu não faço...

TF: É uma tradução. Você faz uma tradução.

JC: ...*advocacy*. Eu tenho, sei lá, não me lembro quantos eram na época, 36 programas que preparam os profissionais, que exercem essa função de dirigir a saúde pública no país, pô, portanto que não estou fazendo *advocacy*, não estou sugerindo o quê, eu estou preparando as pessoas para fazer.

TF: Esse *advocacy* seria uma preparação para?

JC: É menos do que eu faço. Eu faço *advocacy* para mim, eu interfiro, eu sugiro, não sei o quê. Mas não é o meu papel exclusivo.

TF: O teu papel enquanto professor de uma instituição, que forma alunos para...

JC: Que eu estou preparando. O nosso mestrado aqui... Condição de inscrição número um é trabalhador do SUS. São quinze só por turma, mas são... Nós já estamos na quarta turma já são pelo menos 60 pessoas e que continuam a trabalhar com a gente.

TF: E que estão no serviço. Existe uma linha de pensamento sobre a saúde coletiva que eu não acho também que você pactua, que você concorda, que diz que saúde coletiva. Numa maneira simplória, que saúde coletiva seria parte acadêmica e que saúde pública parte de serviço. Isso bate...

JC: Isso me lembra um pouco Juan César, porque o Juan César em algum momento, naquele texto que entrevista si próprio, ele nos coloca junto com aquelas ideias dele de sociologia médica, antropologia médica... Ele coloca sobre coletiva ali como se a gente fosse alguma coisa parecida com um conjunto disciplinar, digamos. Mas ele coloca a saúde pública com uma coisa muito mais de concretude de você atuar. Como é que você

atua na prática para população ficar melhor de vida?

TF: Aí me diga o seguinte. Mas aí ao mesmo tempo uma carreira de saúde coletiva não existe. Ou a pessoa sai da secretaria saúde e vem aqui ou nas outras universidades, nos mestrados profissionais, principalmente, e fazem um curso de saúde coletiva ou fazem um curso dentro de uma instituição de saúde coletiva. Mas quando ele volta, ele vai se deparar com uma outra coisa chamada saúde pública. Como que isso se dá? Ele vai chegar num posto que não é um posto de saúde coletiva, posto de saúde de saúde pública. A nomeação, a denominação, mesmo que ele saia gestor ou epidemiólogo, ou ele saia pensando a saúde coletiva como um todo, né, ele aqui ficou um ano pensando, ou dois, não sei quanto tempo, depende, quando eu digo aqui, no centro formador, né...

JC: Em geral, né. Aqui são dois anos.

TF ...em saúde coletiva, mas ele vai trabalhar numa outra coisa chamada de saúde pública.

JC: Ele é um profissional de saúde pública.

TL: E a saúde coletiva, denominação de saúde coletiva, como fica essa adequação com o título, e aí vou te fazer uma pergunta junto com isso que é: o que é a graduação em saúde coletiva.

JC: Qual que é a diferença do epidemiologista?

TF: A diferença eu não sei. De formação. Eu não sei. Acho que não tem.

JC: O epidemiologista estuda epidemiologia, mas se atua na saúde pública, na vigilância epidemiológica, mas na saúde pública.

TF: Mas em termos de denominação dele, assim como você estava conversando antes da legalização do sanitário, que vocês discutiram. Não cai nesse mesmo problema, digamos assim, era uma carreira e agora já tem a graduação...

JC: O cara passou a se chamar médico sanitário de carreira..

TF: Mas e a saúde coletiva?, :

JC: ...de carreira, mas ele tinha feito na época uma, um mestrado ou um doutorado. Acho que eles aceitavam mestrado de medicina preventiva...

TF: Na inscrição [?] é preventiva.

JC: ...,no entanto, ele ia ser contratado como médico sanitário.

TF: Você acha que é a mesma questão que se coloca?

JC: Eu acho que sim.

TF: Tá. E a graduação, você antes do início da nossa conversa você falou que você estava, ficou reticente.

JC: Eu fiquei resistente no início, e cometi... eu era presidente da ABRASCO e cometi uma imprudência séria de ter comentado que eu já tinha tido uma experiência de inventar uma área nova.

TF: Qual? Que época?

JC: No começo dos anos 70, assim se o que eu voltei de Londres, onde por coincidência, tinha na Universidade de Londres, um curso de Ciências Biológicas modalidade médica. Então aqui, aliás, nós já tínhamos isso aqui e eu verifiquei que tinha lá também. Tanto assim que eu fui paraninfo da segunda turma de Ribeirão Preto. Então se criou um curso de Ciências Biológicas modalidade médica em Ribeirão Preto, em Botucatu, acho que aqui em São Paulo, em vários lugares do Brasil inteiro se criou. Alguns, acho, que persistem, não sei se algum persiste porque a maioria deles que foi extinto. Foi extinto pela reivindicação dos estudantes, porque eles tinham três anos junto com os estudantes medicina, era a mesma coisa, a partir daí os estudantes de medicina iam para o estágio clínico, para o hospital e eles continuavam nos departamentos básicos fazendo... Mauro Marzochi foi meu aluno, meu orientado. Ele fez Ciências Biológicas modalidade médica em Ribeirão Preto e se concentrou em parasitologia. Foi meu orientado e fez a tese de doutoramento, orientado por mim, em parasitologia. Mas depois tanto ele como a maioria deles, reivindicou queria continuar o curso médico, isso fez com que a maioria das escolas que tinha criado... Eu não sei se algum resistiu, não sei se ainda existe algum. Mas a maioria das escolas que eu conheço, falou: "Vamos fazer o seguinte, aumentar o número de vagas da Medicina, já que agora entraram mais 20 que estão fazendo este, que acabam voltando para o curso médico, não na sua turma de origem, mas numa turma por seguir". Então fim de papo. Aumenta o número de vagas, em vez de 80 passa a ser 100. E depois passou a ser 120. Em Ribeirão Preto passou a ser 120 é cursos de medicina. Então eu tive essa experiência e sei que esse pessoal, uma vez formado, não tinha mercado de trabalho. Começaram a brigar, no Congresso Nacional com os farmacêuticos, porque a farmácia é uma profissão também em crise, porque não tem mais

botica de bairro, ou você vai ser farmacêutico que trabalha numa indústria farmacêutica importante você fica perdido no espaço. Você dá nome em farmácia porque cada farmácia tem que ter... então ficou um negócio complicado. E aí eles encontraram um nicho, que é ensaios, ensaios clínicos, fazem exame de laboratório. São os farmacêuticos que ocupam esse nicho e começaram a brigar no Congresso Nacional com os formados de ciências biológicas modalidade médica e queriam ocupá-la. Por ter tido esta experiência e saber eu como presidente da ABRASCO, eu: cautela, verifiquem que nicho poderá ser ocupado, em que condições estará o mercado de trabalho. Mas, se vierem me dizer que isso é para salvar o SUS, eu vou dar risada. Porque se o SUS depender de você criar profissão nova para ser salvo, já tá perdido, já não tem mais salvação. Essa segunda frase é que foi a pior, né é que eu considerei que eles não poderiam salvar os SUS. Eu para me redimir o que que eu fiz...

TF: Você acha era essa a ideia, você acha que era essa a ideia?

JC: Eles me diziam “pra salvar o SUS”. [Eu] falava: salvar o SUS com, com...?

TF: E quem são eles, quem é esse grupo?

JC: O grupo que já tinha criado, que, que em grande parte era acho que da UFRJ, se não me engano, já tinha sido criado. Onde mais tinha sido criado?

TF: Na Bahia?

JC: Na Bahia. Eu não me lembro de como é que isso...

TF: Na Bahia criou em 2008. Tem 36, tem cursos de graduação hoje. Né? 36.

JC: Eu pra me redimir. O que que eu fiz, o que que eu fiz pra me redimir...

TF: Ah?

JC: Eu propus a criação de uma subcomissão de, de, de coordenadores de pós-graduação de saúde coletiva criasse uma subcomissão de graduação. Eles não aceitaram. Aí eu simplesmente criei a Comissão de Coordenadores da Graduação, apesar de ter dito que era contra...

TF: Dentro da ABRASCO?

JC: ... e passei pra história como sendo contra e quem criou aquela comissão fui eu...[risos]. Fui que criei o... não chama comissão, se chama fórum. Porque tem o Fórum de Coordenadores de Pós Graduação sobre políticas. Propus a eles que subsumissem a

graduação criando um...

TF: Criando um fórum. Eles não aceitaram?

JC: Não toparam. Aí agora, bom... porque aí a evidência era tão óbvia. Já não era mais um ou dois, já nessa altura já devia ter uns oito, ou dez, ou doze. Não podemos mais ignorar isto. E criei o... Eu continuo, eu continuo incrédulo. Porque o mercado de trabalho, ele não mudou a ponto de aceitar um profissional com curso de graduação nessa área, que seja capaz de fazer o quê? Eu honestamente eu não sei o que eles fazem.

TF: Fazem o que a pós-graduação faria, digamos? Não. O que pode ser? Não pode ser porque não tem formação básica.

JC: Primeiro eles queriam prioridade na pós-graduação como se fosse uma exigência para fazer pós-graduação de saúde coletiva ter feito graduação em saúde coletiva. Isso seria uma tragédia, seria uma tragédia. Até porque a gente tem pós-graduação em saúde coletiva na enfermagem, na odontologia, na, na, na... bom, na saúde pública, evidentemente. Só que a saúde pública daqui, eu não sei as outras, a daqui não mudou o nome. Tem graduação, mas a graduação deles chama graduação em saúde pública.

TF: Essa é outra questão que eu acho complexa. Se a gente começa a perceber... Nós estamos estudando todas as pós-graduações do Brasil, são noventa e um ou duas? Duas.

OS: São noventa e duas já.

JC: Pós-graduação?!

TF: Noventa e dois programas de pós-graduação, não instituições. 92 programas. Instituições são... de conta sou péssima. Mas são 92 programas de pós-graduação, tá, nas universidades e instituições de pesquisas tipo FIOCRUZ, né.

JC: E institutos de saúde.

TF: E institutos de saúde, né, mas a maior parte é nas universidades, claro, óbvio. Desses 92, se a gente vai começar a perceber por dentro deles... de certa forma nessa parte que estamos começando a pesquisa, né. Se a gente vai começar a perceber cada um deles a definição do que que eles estão fazendo, o que que eles são, o que que eles estão fazendo. Tem uns completamente imaturos, completamente frouxos e também as pós-graduações tem denominações diferentes.

JC: Deixa eu te falar uma coisa. Quando eu me indispus contra, é aó analisar os

programas existentes. Eles tinham um, eles tinham um, uma disciplina que, mal e porcamente, tentava reproduzir o que é, o que era o curso médico, com disciplinas de farmacologia, de, de, de microbiologia, de não sei. Tudo de uma maneira tão sintética e tão superficial que ela era melhor não dar aquilo, aquilo, é... você não estava formando ninguém. Você tava...

TF: Baseado na sua observação, ainda incipiente nesse ponto, porque ainda tô iniciando a pesquisa. Eu te digo seguinte alguns sites de algumas definições de instituições, de programas, né, que coloca então, do meu ponto de vista, seguindo a orientação da CAPES, é um pouco forçado, porque as definições são Às vezes muito tênues, do que que é saúde coletiva e fica parecendo que é uma coisa para ser colocada na CAPES. Se não for colocada na CAPES, não vai ter financiamento, não vai ter legitimidade, não vai ter currículo Lattes reconhecido, enfim. Não vai ser reconhecido na classe acadêmica, né. Então nos soa como, enquanto em algumas instituições essa questão da saúde coletiva está embasada, está consolidada, etc e tal, né, como você bem coloca, em outros...

JC: Na pós graduação.

TF: Pós graduação, na pós graduação. Estou falando só de pós-graduação. Esses 92 são só de pós-graduação. Em outros estão muito aquém. E aí quando a gente observa, por exemplo, esses 7000 que foram na ABRASCO, no ABRASCAO. 7000 inscritos. Esses sete mil sabem ou tem garantido dentro de si uma diferença entre saúde coletiva e saúde pública, medicina social e medicina preventiva. Você acha que isso está consolidado, está maduro nesses 92 programas? [...] Você acha que [?] isso?

JC: Eu acho que esses nossos alunos que se eles lerem o texto, que todo ano eu dou pra eles, do Guilherme...[risos].Esses sabem que não e uma invenção da cabeça de intelectuais, que são processos históricos [...] e aí eu conluo mostrando esse livrinho que de reinvenção da ABRASCO dos americanos, de Saúde Pública transdisciplinar.

TF: Você acha que nas outras pós-graduações, essa, essa consolidação, digamos assim, tá ocorrendo?

JC: Eu acho que sim, porque em parte, é possível que grande número deles faça o que eu e a Luísa fazemos. Damos os dois livrinhos da ABRASCO, da história ABRASCO. O número 1 foi do Paranaguá, da Nísia. E o número 2, que já foi dos baianos, que tem Bourdieu a dar com pau. Aí é Bourdieu, Bourdieu, Bourdieu, Bourdieu, Bourdieu. É possível que se eles leem... porque a gente dá os dois, recomenda porque tá no site da

ABRASCO. É só entrar, pega os dois e ... A gente recomenda a leitura desse, desse... E damos o texto do Guilherme, mostrando que isso é um processo e ainda damos uma definição sintética: é um olhar transdisciplinar para questões relacionadas para saúde e bem estar. E ainda conluo: de A a Z, de biologia molecular até participação da sociedade na definição de políticas. Em cada uma destas, você pode verificar que influência isso tem, com o bem estar das pessoas. Pra que serve fazer o DNA? Ontem teve uma matéria que serve para descobrir criminosos. Vocês viram essa matéria? Eles fazem, eles pegam, eles pegam em lugares que ocorre assalto de banco não sei o quê. Eles vão colhendo. Ele já tem um banco de DNAs então eles conseguem verificar...

TF: Isso a Polícia Militar?

JC: Polícia militar. Inteligência da, da... eles conseguem traçar quantas vezes este cara teve outros grandes assaltos que ocorreram [risos]. Então eles estão tão fazendo DNA para resolver crimes e perseguir criminosos.

TF: Aí agora queria que você falasse um pouco sobre a tua trajetória. Você hoje tá aqui em Ribeirão Preto... você tá na UFBA também, pelo menos fazendo alguma assessoria, alguma coisa. Tá no seu currículo.

JC: Não. Acho que na UFBA o que eu e a Luísa estamos é no observatório de análise política em saúde. Nós somos membros do Conselho Consultivo.

TF: Ah tá. Do observatório.

JC: Vamos ter uma reunião agora, em fim de outubro começo de novembro.

TF: A gente vai se encontrar lá. Porque eu vou estar em Salvador.

JC: Era para ser 30 e 31 e 1º, mas eles ante.. recuaram. Acho que vai ser só um dia, dois dias... enfim. Eu já pedi passagem para ir de véspera. Enfim, portanto vamos nos encontrar lá.

TF: Você passou... vendo essas, essas, esse seu currículo lattes, tuas passagens. Fala um pouco sobre isso.

JC: Eu passei aí... Eu fiz muita saúde pública se a gente vai [risos]... Eu fiz muita saúde pública...

TF: Como é que você define isso?

JC: Eu participei da, da, da saúde pública brasileira e internacional repetidas vezes, né.

Eu fui assessor do, do Ministro na época da ditadura, do ministro Almeida Machado. O [José Carlos] Seixas era secretário geral que naquele momento...

TF: Que convite foi esse? Você com toda a sua carga de... revolucionário.

JC: Eu quase não fui aceito. o Airton Soares... Airton Soares é um comentarista da TV Cultura agora que era nosso companheiro da juventude socialista. E naquele ano vários companheiros se elegeram deputados federais fizeram uma bancada do MDB da época, uma bancada importante no Congresso Nacional. E aí ele perguntou para o meu irmão falou “que tá acontecendo com o Zé, circula lá no Congresso que o SNI tá atrás dele?” Foi quando o Almeida Machado me indicou para ser assessor. O que que aconteceu? O Geisel em campanha passou pelo Instituto de Pesquisa da Amazônia e o Almeida Machado estava lá como o diretor. E no papo ele gostou do Almeida Machado, não sei se no ato ou só depois disso ele convidou para ser ministro da saúde. O Almeida Machado antes de ir lá para o INPA ele foi trabalhava no Instituto Adolfo Lutz, aqui em São Paulo. E o Zé Carlos Seixas, era coordenador de saúde da comunidade e membro importante da Cúpula da Secretaria da Saúde, e o Almeida Machado era subordinado ao Seixas, porque ele era do Adolfo Lutz e gostava muito do Seixas. Quando ele é convidado pela Almeida Machado pra ser Ministro... ele que estava lá na no Instituto de Pesquisa da Amazônia, que tinha saído daqui de São Paulo, se lembrou das pessoas com quem ele trabalhava aqui e que trabalhavam com saúde pública na Secretaria da Saúde... E chamou o Seixas para ser secretário geral, nessa época se chamava o secretário executivo da época. Então ele deu liberdade para Seixas para formar equipe. Aí o Seixas, para formar equipe, me convidou, convidou o [João] Yunes, convidou o Juarez. Outro dia eu falei com o Seixas: “Seixas, somos sobreviventes, esse pessoal todo subiu para outra esfera”. Tanto Almeida Machado, Yunes, Juarez. E aí então formou o grupo paulista no Ministério da Saúde, na cúpula, que era o Almeida Machado, tinha...

TF: Num governo militar.

JC: Ahm?

TF: Num governo militar.

JC: Num governo militar. E o Seixas... o Arouca nessa altura do campeonato tinha sido expulso da Unicamp. E eu levei ele para Brasília. Eu tinha um apartamento funcional e ele morava comigo. A Ana Tambellini ia lá de vez em quando. Uma vez levei o Pedro, filho deles, que é mais alto do que você. Era pequenininho, que nós levávamos num,

como é que chama?... Moisés. Ela foi de carro comigo, levando o pequenininho. Então o Arouca morava comigo. O Mario Hamilton...

TF: Falecido?

JC: ... tinha sido expulso pela ditadura Argentina e morava com Yunes, junto com a mulher dele, esqueci o nome dela, é... Bom, e eu tinha um apartamento funcional, o [Edmundo] Juarez tinha um apartamento no mesmo prédio que eu. O Juarez era um pouco discordante, né, ele tinha uma postura mais próxima do Almeida Machado e eu briguei com eles e pedi demissão.

TF: Você ficou lá um mês... Um ano só, né.

JC: Eu briguei com ele por causa da lei da vigilância epidemiológica que definiu quais eram as doenças mínimas que estavam sujeitas à vigilância epidemiológica no país. Os estados, municípios poderiam acrescentar se quisessem, mas as básicas obrigatórias eram aquelas. E eles colocaram como artigo, que eu acho que ainda não foi revogada até hoje, de vez em quando eu ouço falar, que punia os trabalhadores com perda do direito ao salário-família se eles não tivessem as carteiras de vacinação dos filhos em dia. E eu discordei publicamente, né, do Almeida Machado, o Ministro. Eu e o Guedes, só que o Guedes era funcionário da Secretaria de Saúde de São Paulo e eu era assessor do ministro. E eu tive um... E aí evidentemente, eu antes que me demitissem eu... Mas antes eu fiz o Sistema de Informações de Mortalidade. É pouco. Sim, fui eu quem montei. E eu montei o SIM no apartamento do Yunes, geralmente com discussões à noite, que estava o Silvan Levi, que era o meu assistente no Ministério. O Yunes participava eventualmente, o Arouca, que morava comigo e ia comigo lá pra gente discutir, e o Mário Hamilton, que o Mário Hamilton tinha experiência em estatísticas de saúde, desde o tempo da Argentina, ele fez uma amostra domiciliar. E lá nós montamos. Só não fizemos atestado de óbito padrão porque nós contactamos o Rui Laurenti, do Centro Brasileiro de Classificação de Doenças, o Caminha e o [Bento de Jesus] Bandarra do Rio Grande do Sul. Bom, quer dizer, umas das... em plena ditadura eu sou convidado pelo Almeida Machado para ser assessor. E aí isso deve ter circulado é porque SNI caiu matando em cima do meu currículo e o Airton Soares soube disso no Congresso Nacional perguntou meu irmão “o que tá acontecendo com o Zé que tá dizendo que o SNI tá atrás dele”. Eu devia tá sendo investigado todos os jeitos possíveis e imagináveis. O que é curioso é que o Arouca dava risada, ele falava: “porra, o que a gente falava no corredor do Ministério, em plena ditadura, da mortalidade e tal, não sei o quê, só que [risos] era uma verdadeira

baderna. Bom, fizemos alguma coisa. Fizemos a vigilância epidemiologia, foi uma lei do Congresso que aprovou essa história do salário-família, que acho que não foi... não foi revogada até hoje. Que de vez em quando, nessa discussão atual, eu de vez em quando ouço uns políticos falar desse negócio da vacinação, de não sei o quê. Portanto isso ainda deve estar.

TF: Vigorando, você acha? Pelo menos está circulando.

JC: Fora disso depois, claro, desse meu contato com Yunes lá. Aí nós ganhamos as eleições, o MDB, o manda brasa ganhou as eleições em quase todos os estados praticamente. [Franco] Montoro em São Paulo. Aí o Montoro já tinha montado escritório antes, durante o processo eleitoral, já tinha montado um escritório aqui nos Jardins, em uma rua chamada Madre Teodora. Então o famoso jargão era “você é da Madre Teodora?” Ser da Madre Teodora era uma espécie de: “ah você é grupo que está preparando o programa de governo” então tá bom... Aí o Yunes, a quem se atribui a responsabilidade de uma montar um grupo de saúde, convidou a mim, convidou Nelsão... O Seixas, tem muita gente que não gosta dele e o critica muito, mas ele é um cara... um cristão desses, que eu acho que era [?] que não chegou a ser AP. Mas que é um... é a pessoa confiável, eu gosto do Seixas. Então ele montou um grupo de pessoas que ele sabia que eram ligadas à esquerda. O Nelsão, eu e etc. E quando chegou na hora H ele me convidou para ser coordenador dos institutos, que era uma tarefa importante é a ciência e tecnologia em saúde de uma secretaria importante, que não é uma coisa à toa. O Emílio Ribas é do século 19, o Adolfo Lutz é anterior a Fiocruz, é 1892, o cientista de Manguinhos não é Oswaldo Cruz, é Adolfo Lutz e a Berta Lutz é a primeira, é a primeira feminista sufragista. A líder, a líder sufragista do...[risos] mas da...

TF: Da ciência?

JC: Emílio Ribas e Adolfo Lutz se antecipam ao que Oswaldo Cruz fez no, no. no Rio de Janeiro.

TF: Você foi coordenador dos institutos?

JC: Dos institutos.

TF: Quais institutos?

JC: Tem o Butantã, o Adolfo Lutz, Pasteur. O Pasteur é uma coisa...

TF: No Brasil os institutos estavam soltos, era isso?

JC: Não, em São Paulo.

TF: Só em São Paulo, ah tá.

JC: Bom, tem institutos, mas os do Brasil, geralmente estão ligados à Fiocruz. Porque eles eram...

TF: É. Hoje...

JC: Tinha o IOC, Instituto Oswaldo Cruz que...

TF: ...naquela ocasião, não

JC: ...tinha regionais que acabaram sendo novos, novos institutos.

TF: Não. Passou para a Fiocruz, em 74. Mas vamos, vamos...

JC: Eles já eram, mas aqui além do Butantã, tem o Adolfo Lutz e tem o Pasteur. O Pasteur foi criado pela família Whitaker, que era uma família de milionários que doou o terreno e que hoje é um dos terrenos mais avaliados de São Paulo. É meio quarteirão na Avenida Paulista. Que vai da Avenida Paulista até Alameda Santos. Aquilo ali vale uma fortuna incalculável, que tem que ser, para que a família não, não peça a devolução, tem que ser permanentemente, chamar a Pasteur - ela não tem nada que ver com a rede Pasteur de institutos - tem que chamar a Pasteur e tem que trabalhar com raiva. Se não fizer isso perde o direito e só corre o risco de fechar. E o instituto de saúde, que é este aqui, que é de todos, o mais novo, foi criado pelo Leser, com o intuito de ser um coordenador de programa de saúde, ações de saúde, experimentos com centros de saúde experimentais, de novas práticas.

TF: É uma parte teórica de assessoria, digamos assim, de comando, de assessoria, formação?

JC: Seria mais do que isto. Seria mais um centro de planejamento. Ele tem coisa que não acontece em organograma nenhum, você tem linha cheias e linhas interrompidas, que tem o significado começar direito qual é. O organograma original tinha uma linha pontilhada. Que nunca ninguém entendeu o que era, que ligava tudo ao Instituto de saúde que o Leser chamava de *brain*, cérebro, aqui se deveria... Então quando Yunes me convidou.. eu digo isso no texto meu tá aqui, eu digo isso, eu chamo Instituto de Saúde... Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa. “Binômio de Newton é tão belo quanto a

Vênus de Milo, o que há é pouca gente dar com isso”. Por isso, então eu chamo Instituto de Saúde de Binômio de Newton, porque quando o Yunes me convidou eu falei só aceito por se eu acumular direção... Estava em crise. O Maluf que era o Governador anterior, tinha assinado um decreto de extinção do Centro de Saúde e, com isso, eu fiquei acumulando a direção do Instituto com a coordenação. E o que que eu fiz? Transformei o instituto que era uma zorra, de cara, numa proposta de saúde coletiva, não se chamava Saúde Coletiva ainda, mas... o Carlyle, nessa altura... Enfim, o Carlyle já era diretor da OPAS, já tinha feito como linha central da administração dele, a administração do conhecimento. Então eu defino que nós íamos fazer a administração do conhecimento. Já tinha saúde coletiva, isso já é... E chamei Juan César Garcia, veio três vezes, Maria Izabel Rodriguez, veio duas vezes, o Teruel veio. Enfim, chamei toda, toda a *intelligentsia* de saúde, que virou saúde coletiva na América Latina, veio pra nos dar embasamento para a gente virar o jogo aqui. Porque aqui nós tínhamos ambulatórios, tinha... bom aqui se criou o primeiro GAPA do país. Quando veio a AIDS, nós tínhamos uma sessão que era de doenças transmissíveis, hansenologia e doenças sexualmente transmissíveis. Então o Paulo Roberto Teixeira, que era responsável por isto, começou a absorver os casos de AIDS aqui e criou o primeiro GAPA.

TF: GAPA é? Grupo...

JC: Grupo de apoio... que é... portadores de AIDS, que não é um troço científico, é uma associação que se criou aqui. Então tinha tuberculose... isso tudo foi sendo eliminado e se transformou numa instituição de saúde coletiva. Eles querem mudar o nome e eu sou contra. Mantém só nome Instituto de Saúde que tá de bom tamanho e não mexe. Já se prometeu extinguir por decreto duas vezes este instituto, não mexe com este, com este vespeiro, porque isso não dá certo.

TF: Eu acho que já demos uma cobertura. A hora está avançada...

JC: Bom , fora disso, o que eu tive...

TF: Você tem mais alguma coisa que queira colocar?

JC: Aqui então eu fui coordenador dos institutos, duas vezes, diretor do instituto ,duas vezes e continuei sempre na universidade, meu departamento em Ribeirão Preto e no Instituto de Estudos Avançados onde eu continuo até agora.

TF: O instituto de estudos avançados é onde?

JC: É ligado a... é na cidade universitária.

TF: É na USP?

JC: Na USP.

TF: Tá. Então você é da USP duas vezes, digamos. Tanto em Ribeirão Preto, quanto...

JC: Atualmente eu estou aposentado em Ribeirão Preto, mas eu tenho uma salinha, dou... vou fazer uma palestra na semana que vem. Bem, fora disso, trabalhei na OPAS, como assessor. Consultorias na América Latina inteira. Na Fiocruz...

TF: Isso, você foi diretor da INCQS.

JC: Sim, diretor de INCQS. Quem negociava vacina cubana era eu. Negociei com Fidel diretamente, com o comandante.

TF: Foi em 80 e...foi em 80. 89?

JC: 89. Eu me despedi do...

TF: Foi uma gestão inteira? Você fez uma gestão inteira de dois anos no INCQS?

JC: Não, porque o Collor assumiu e o Alcení [Guerra], ele começou a pedir a minha cabeça desde o primeiro dia. Eu resisti um ano. Eu estava em Cuba, negociando. Por que que o Fidel veio no... as duas técnicas que tinham ido comigo, para ver como é que se fazia o controle com o pessoal do laboratório central deles, como é que fazia o controle da vacina. Elas se enturmaram com o pessoal do laboratório lá e combinaram de fazer um bobó de camarão, na véspera da nossa vinda, nossa saída. E aí me alertaram numa reunião no dia anterior: "*vienes gente muy importante*". Eu pensei que era um dos ministros lá. Aí chegou o Fidel, chegou o Fidel. Tomar caipirinha... Eu postei isso numa dessas redes porque a faca com que eu estava cortando o limão para fazer caipirinha é parecida com a faca que o cara espetou no, no, no coiso, aí.

TF: No coiso.

JC: Então quando apareceu aquela faca, eu falei: isso me lembra um episódio meu de faca. Aí perguntam: "que episódio é esse?" Aí eu contei. Eu estava fazendo caipirinha na cozinha e tava fazendo churrasco do lado e tava cortando limão com faca, com faca de, de ponta. com uma faca de... Aí chega o Fidel: "[?]" E não sei o quê. Comeu o bobó de camarão da panela e não sei o quê. Quando ele me pediu uma segunda 'pipirinha', aí eu

virei...cadê a faca? O segurança dele, claro! Um brasileiro aí que ninguém sabe quem é, biri, biritando com o comandante, com uma faca de ponta, igual aquela, aquela, uma faca do tamanho daquela que o cara espetou o Bolsonaro [risos]. Sumiram com a faca. Eu passei a cortar limão com faca de ponta romba e sem fio. Era difícil de cortar [risos]. Bom e aí voltei...bom, me despedi dele na porta... “Me tienes 10 minutos” e ficou até às 3 horas da madrugada. Me despedi dele na, na porta, porque nós viajavamos no dia seguinte, que era um sábado, para o Panamá e pegávamos o avião imediatamente para vir para cá e votar no domingo. Collor contra Lula. Eu não votei no Lula, eu voltei do Mario Covas no primeiro turno e depois não votei no segundo turno, porque nós perdemos a conexão no Panamá. Os americanos invadiram o canal do Panamá nesta noite, ficaram até quarta-feira. Nós só conseguimos embarcar na quarta-feira seguinte. Bom e aí...

TF: Não estava votando no Lula, não fazia falta nenhuma... [risos]

JC: Eu era diretor do INCQS. Quando o Alcení [Guerra] assumiu, o Baldur Schubert, que era o braço direito dele, ele me alvejava toda a semana. Ele e o Alcení, ele e o Alcení. E eu resistia, porque eles queriam, eles queriam o INCQS, queriam transformar o INCQS numa máquina de, de, de, de, de, de, é, é, é... certificar laboratórios. Na realidade... o cara que entendeu o que eles fizeram antes, no INAMPS, disse que já tinha feito isso com a classificação dos laboratórios que tinham relacionamento com INAMPS. Eles queriam fazer uma rede e que eles cobravam para certificar e precisavam do laboratório central que era que podia fazer. Me alvejavam toda semana. E eu... aí resisti um ano, 90 inteiro. Janeiro de 91, eu tirei férias de, sei lá, de duas semanas. Aí me telefonaram: “chegou uma comissão de intervenção”. E eu assumi e um dia falei: diz que eu vou reassumir amanhã. Assumi, expulsei a comissão. À tarde o Alcení tinha mandado me demitir, então... Bom, aí na FIOCRUZ, depois voltei pra coordenar o Projeto Inovação, que era do Temporão, né, quando ele foi para o INCA, eu fui assumi e depois o Paulo Buss me pediu para substituir o Reinaldo e fiquei vice-presidente de pesquisa por um período. Na OPAS, eu conheci a América Latina quase toda, fazendo consultorias. E na OMS participei de uma comissão importante de vacina de AIDS, que na época da, que eu trabalhei com AIDS, eu fiz um projeto importante aqui em São Paulo, um recrutamento de uma coorte de homens bissexuais, para a eventualidade de tendo uma vacina eu ter um campo de, pra fazer o teste. E fui para Genebra como membro do Comitê de Genebra de vacina de AIDS e depois, também em Genebra, estive nesse... comitê de... sempre em coisas que não deram certo, né. Na vacina de AIDS não deu certo, porque não teve vacina. Depois fui pro comitê de registro obrigatório de ensaios

clínicos. Que a indústria farmacêutica é contra, os Estados Unidos são contra. Que até agora tá patinando, ninguém respeita isto. É um negócio da maior seriedade! Você não pode fazer um ensaio clínico recrutando o primeiro voluntário, antes de você dizer que você vai fazer para eu poder controlar e saber o que aconteceu. Enfim...

TF: Enfim... Eu acho que tá... está ótimo. Claro que a gente poderia ficar o resto do dia conversando.

JC: Eu estou curioso em saber... Vocês estão estudando também a graduação, o que que tá acontecendo?

TF: É, é. Nós vamos entrar na graduação. Por enquanto ainda não tá estudando.

JC: Eu estou curioso de saber que pé se encontra, se alguém prosseguiu na minha preocupação de ver nichos de, de mercado de trabalho.

TF: Eu não... a gente não tá nessa perspectiva.

JC: O que que tá acontecendo, se virou... se virou... uma coisa sem, sem nenhum significado.

TF: Acho que agora nossa pesquisa vai até... não tá incluindo a graduação, a não ser pequenas perguntas para os entrevistados, porque nós queremos primeiro estudar a pós-graduação toda, né. E tem uma equipe que tem uma limitação aí de pessoal....

JC: Uma coisa importante...

TF: Um dia... mas esse é um tema que é fundamental.

JC: Uma coisa importante na pós-graduação é ver os mestrados profissionais, né, porque...

TF: Cerca de cinquenta por cento da pós-graduação, desses noventa e tantos dentro desses, desses programas é de mestrado profissional.

JC: Ah bom. Isso aí é novidade, que eu não sabia disso. Porque nas origens era tudo acadêmico, né.

TF: Mas agora já tá... tanto que, inclusive, nos respalda com a afirmativa que a saúde coletiva não é só um mundo acadêmico, voltado para pesquisas...

JC: No nosso mestrado profissional, aqui, o critério número 0 é o trabalhador do SUS, com anuência do, do chefe imediato. Tem... nós tivemos alunos que eram secretários

municipais de saúde e que veio a concordância imediata do Prefeito, que era o, era o superior imediato. E com uma proposta de um problema em mente já, ele tem que vir aqui já com alguma coisa que E são coisas assim para mim... eu estou satisfeito. Uma das minhas orientadas é a responsável pelas salas de coleta de material da rede pública da cidade de São Paulo. Em gestões anteriores, se terceirizou tudo. Do, do, do momento analítico, fazer o, fazer o... teste, geralmente tá terceirizado, na imensa maioria dos casos, privado - setor privado. Mas o pré-analítico e pós-analítico, você tem que colher o material, você tem que alguém decidir que tem que fazer um exame pré-analítico. E depois, quando vem o resultado, tem que passar para quem pediu... Então ela, ela fez como são 400 e não sei quantas salas de coleta de material, ela fez um procedimento de organizar e uniformizar os procedimentos para nós certificarmos, não pedir para alguém de fora que cobre para fazer a certificação. Quer dizer, são coisas tão objetivas quanto... A minha orientada deste ano, dessa turma nova, ela trabalha em Osasco, ela é da vigilância de lá, ela quer saber porque que a sífilis congênita derruba a atenção à mulher e à criança [risos] porque que ela derrota [risos], porque que a sífilis congênita nos derrota.

TF: Acho que vai derrotar mais. Bem, enfim, eu acho que podemos desligar as máquinas. Agradecer muito a você...

JC: Eu vou ter que assinar o termo?

TF: É.